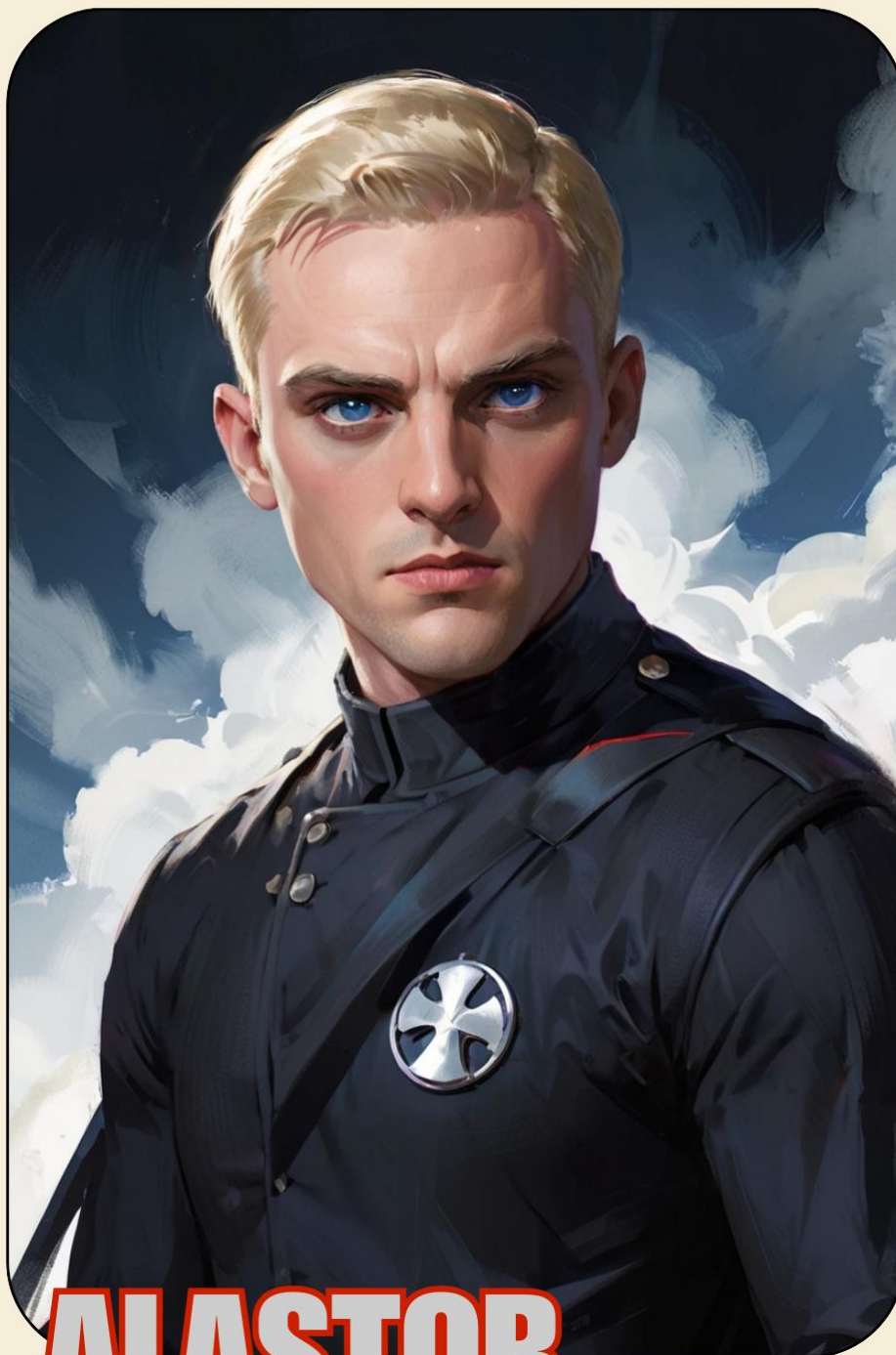


A NOVA **ORDEM**



ALASTOR **GALEWIND**

Libere-se das ilusões e da realidade aprisionante. Deixe de lado igrejas e livros antigos, e contemple nosso verdadeiro Deus, que nos guia para um futuro sem mentiras e sem amarras. Ou morra tentando desafiar.

SINPORT: A CIDADE DO AMANHÃ!



SINPORT: A CIDADE DO AMANHÃ!

“Ordem. Progresso. Glória. Sob a visão incomparável de Alastor Galewind, Sinport brilha como um farol de perfeição no mundo. Nossas ruas são seguras, nossa tecnologia avança sem limites e cada cidadão tem o privilégio de servir a um propósito maior.

Aqui, não há dúvidas. Não há medo. Apenas a certeza de que cada passo é guiado pela mão firme e benevolente de nosso Grande Protetor.

Obedeça. Trabalhe. Seja Grato. Sinport é perfeita – e você também pode ser.”

— CAPÍTULO I —

O Destino inevitável

“Vocês o chamam de salvador. De messias. De Kaiser Solar.

Vocês dobram os joelhos perante sua sombra colossal, erguem os olhos para seu trono de aço e entoam suas orações vazias. Vocês batem continência, enfileiram-se como engrenagens obedientes, entregam seus filhos para que sejam moldados em sua imagem e, quando ele caminha entre vocês, seus corações se inflamam de júbilo.

Mas eu os pergunto... vocês realmente sabem o que ele é?

Não, não me respondam com suas ladainhas programadas. Com seus hinos ensaiados e lemas fanáticos. Não me digam que ele é a ‘ordem que substituiu o caos’, que ele ‘purificou a humanidade de sua decadência’, que ‘antes dele éramos fracos’. Eu já ouvi todas essas mentiras antes, e sei exatamente de onde elas vêm.

Seus olhos queimam como sóis vermelhos, mas dentro deles não há iluminação, apenas o frio vazio de um tirano. Sua pele é impenetrável, sua força ilimitada, sua voz hipnótica... Mas isso não o torna um deus. Isso o torna um monstro.

Vocês dizem que ele é um farol, mas eu os pergunto: onde há luz sem sombras?

Ele não os libertou. Ele os acorrentou com correntes invisíveis, feitas de medo e obediência cega. Ele lhes ofereceu uma ordem onde não há espaço para pensamento. Ele lhes prometeu glória, mas os transformou em engrenagens de sua máquina de guerra. Ele os convenceu de que são fortes, quando, na verdade, arrancou sua liberdade, sua humanidade, sua própria alma.

E vocês deixaram.

Vocês permitiram que suas bandeiras fossem tingidas com o sangue dos dissidentes. Vocês permitiram que seus filhos denunciassem seus próprios pais por uma palavra errada. Vocês permitiram que os livros fossem queimados, que a história fosse reescrita, que a verdade fosse enterrada sob a estátua de um homem que nunca sangrou, nunca sofreu, nunca conheceu o preço real do sacrifício.

E agora, vocês se ajoelham e o chamam de imortal.

Mas saibam disso: todo império cai. Todo rei encontra seu fim. Todo tirano aprende que nenhum homem pode governar para sempre.

Vocês podem me chamar de traidor, podem me caçar nas ruínas, podem pendurar os corpos de meus irmãos em suas praças douradas como um aviso. Podem nos chamar de terroristas, de insurgentes, de inimigos da ordem. Mas saibam que, enquanto um de nós ainda respirar, o verdadeiro espírito da humanidade não será extinto.

Vocês podem repetir suas juras vazias até que suas gargantas se desgastem. Mas no fundo, lá no íntimo de suas almas, onde a propaganda não pode tocar, vocês sabem que estou certo.

Vocês sabem que ele não pode vencer para sempre.

E quando esse dia chegar — quando o colosso finalmente tombar, quando os estandartes forem arrancados, quando os templos de sua glória forem reduzidos a pó — nós estaremos lá.

Nós seremos as sombras que o seu falso sol não pode extinguir.” — Elias Reichmann um cientista rebelde.

A cidade de Sinport queimava. O cheiro de pólvora e carne carbonizada impregnava o ar, misturado ao lamento dos moribundos. Drones da Nova Ordem sobrevoavam as ruas devastadas, transmitindo ao vivo o triunfo do Império para cada tela do mundo. A resistência estava quebrada. Os chamados heróis do povo jaziam de joelhos, ensanguentados, cercados pelos soldados de armadura preta da milícia estatal.

E no centro de tudo, pairava um Deus.

Alastor Galewind flutuava poucos centímetros acima do solo, a capa negra ondulando atrás dele como asas de um anjo vingador. O uniforme colado ao corpo musculoso exibia o emblema da Nova Ordem – um punho cerrado envolvendo o globo terrestre. Seus olhos, vermelhos como brasas ardentes, passeavam lentamente pelos insurgentes capturados.

Ele saboreava aquele momento. O medo. O desespero. A certeza inevitável da morte estampada nos rostos sujos dos revolucionários.

— Olhem para vocês... — Sua voz era macia, quase paternal, mas carregada de algo venenoso. — "Guerreiros da liberdade", "Defensores do povo". É assim que se chamam, não é? Vocês acreditaram, de verdade, que poderiam me deter?

Um dos prisioneiros, um homem mais velho, cuspiu sangue, mas ainda tentava manter a postura firme.

— Você pode nos matar... Mas a ideia da liberdade nunca morrerá.

Alastor sorriu.

— A liberdade? Ah... — Ele suspirou, quase melancólico. — Um conceito tão romântico. Mas me diga, "guerreiro"...

Num movimento fluido, ele pousou diante do homem, inclinando-se como se fosse um amigo próximo.

— O que é a liberdade, senão o direito dos fracos de morrerem gritando?

Antes que o rebelde pudesse responder, Alastor agarrou seu rosto com uma única mão e apertou. O crânio cedeu com um estalo grotesco, e o corpo do homem caiu sem vida.

Os outros prisioneiros gritaram.

— Oh, parem com isso! — Ele revirou os olhos. — Já viram sangue antes. Isso tudo não passa de um jogo, não é? Um jogo onde vocês sempre perdem. E eu sempre venço.

Ele voltou a flutuar lentamente, observando os rostos aterrorizados.

— Mas sabem o que eu acho fascinante? Vocês realmente acham que são especiais. Que são diferentes dos miseráveis que rastejam nessa cidade. Mas vocês não são. São piolhos. Ratos. Parasitas que sonham com um mundo sem mim.

Ele apontou para um dos soldados.

— Traga-me a câmera. Quero que o mundo veja isso.

O drone aproximou-se, sua lente fria refletindo o rosto de Alastor enquanto ele abria os braços, como um pregador diante de sua congregação.

— Cidadãos da Nova Ordem, olhem para eles! Estes são os vermes que prometeram lhes dar um mundo melhor! Homens fracos, mulheres fracas, prontos para implorar pelo que chamam de justiça! Eu os chamo de outra coisa: cadáveres.

Ele pousou diante de um jovem de não mais de vinte anos. O rapaz tremia, segurando um crucifixo quebrado.

— Você reza? — Alastor inclinou a cabeça. — Seu Deus já respondeu?

O garoto cerrou os dentes.

— Você pode destruir tudo, mas nunca vai apagar a esperança das pessoas.

Alastor piscou lentamente.

Então sorriu.

— Oh... meu querido menino. Eu não quero apagar a esperança. Eu quero que todos a sintam. Eu quero que a agarrem com todas as forças.

Ele se agachou, trazendo o rosto para perto do garoto.

— E então, eu a esmagarei diante de seus olhos.

Num único movimento, ele agarrou o coração do jovem através do peito, arrancando-o com precisão cirúrgica.

Alastor ergueu o órgão ainda pulsante para a câmera.

— Isso, meus amigos, é esperança. Isso é liberdade. Isso é revolução. E vejam só — não durou nem cinco segundos.

Ele apertou o punho, estourando o coração como uma fruta madura.

O silêncio absoluto.

— Que esta seja a lição final. — Ele sorriu, girando no ar. — Vocês não precisam de heróis. Não precisam de salvadores.

A câmera se aproximou de seu rosto.

O corpo sem coração do jovem caiu com um baque surdo na calçada manchada de sangue.

Alastor, ainda segurando os resquícios da carne esmagada entre os dedos, deixou um longo suspiro escapar, como se tudo aquilo fosse um fardo. **Um trabalho necessário.**

Ele se virou para os outros prisioneiros, os olhos vermelhos brilhando como brasas. Alguns já choravam. Outros, petrificados pelo terror, mal conseguiam respirar.

— Oh, por favor, não façam essa cara. — Ele sorriu, divertido. — Vocês escolheram essa vida. Vocês *queriam* lutar contra mim.

Aproximou-se lentamente de uma mulher ajoelhada. O rosto sujo de fuligem e sangue, a boca tremendo sem conseguir formar palavras.

— E você? — Ele se agachou, segurando seu queixo com delicadeza. — Tem algo inteligente para me dizer? Vai recitar mais um daqueles discursos inspiradores? "A tirania vai cair", "O povo se levantará", bla bla bla?

Ela fechou os olhos, tentando conter o choro.

— Hm. — Ele estalou a língua. — É isso que me incomoda em vocês, revolucionários. São tão barulhentos quando estão armados, mas quando tudo desmorona...

Ele a segurou pelo cabelo e ergueu-a no ar como se não pesasse nada.

— ... viram ratos.

Ela começou a gritar, chutando o ar desesperadamente.

— Shhh, calma. Não se debate. Só vai piorar.

Ele moveu a mão lentamente, pressionando com o polegar bem no meio da testa dela. A pele começou a fumer. A carne derretia como cera sob o toque dele. Os gritos se transformaram em um guincho agudo e depois... nada. O crânio desabou para dentro, e o corpo inerte caiu sem vida.

Alastor soltou um longo suspiro, massageando as têmporas como se estivesse entediado.

— Vocês acham que isso me diverte? Vocês acham que gosto de fazer isso?

Ele olhou diretamente para a câmera do drone, falando não só para os prisioneiros, mas para todos que assistiam à transmissão.

— A verdade, meus amigos, é que tudo isso poderia ser evitado. Eu *avisei*. Eu *avisei* a vocês inúmeras vezes. Eu ofereci a chance de paz. Eu ofereci a chance de ordem. Mas não... vocês queriam "liberdade".

Ele cuspiu no chão.

— Liberdade para o quê? Para serem gados? Para serem governados por políticos corruptos, por generais incompetentes, por parasitas?

Ele começou a andar entre os insurgentes ajoelhados, cada passo ecoando na rua destruída.

— Eu sou o único motivo pelo qual este mundo ainda existe. Eu sou o muro que separa vocês do caos absoluto. E ainda assim, vocês insistem em me desafiar. Vocês me odeiam... mas continuam vivos apenas porque *eu permito*.

Parou diante de um homem idoso. O sujeito tremia, as mãos cobertas de sujeira e sangue.

— Quantos anos você tem, vovô?
— S-sessenta e oito... — a voz saiu trêmula.
— Sessenta e oito! Impressionante. Sabe o que eu acho curioso? Um homem da sua idade, ainda lutando, ainda resistindo. Mas veja só, olha ao redor.
Ele apontou para os corpos espalhados pela rua.
— Onde está seu glorioso exército? Onde estão os jovens que deveriam lutar ao seu lado?
Ah, isso mesmo... estão mortos.
O velho tentou levantar o olhar, mas não conseguiu.
— Me diga, velho. Você perdeu filhos? Netos?
O homem assentiu lentamente, os olhos cheios de lágrimas.
— E por quê? — Alastor se ajoelhou, ficando frente a frente com ele. — Porque você os mandou morrer. Você os envenenou com essa ideia patética de revolução. Você queria que lutassem contra mim, mesmo sabendo que era impossível. Você é um péssimo pai.
O homem fechou os olhos, os ombros sacudindo com o choro.
— Não fique triste. Vou te mandar encontrá-los.
Com um único movimento, Alastor arrancou a cabeça do idoso e a jogou como se fosse lixo.
Os poucos prisioneiros que restavam começaram a soluçar, balançando os corpos para frente e para trás, desesperados.
— E aqui está a parte mais divertida. — Ele sorriu. — Vocês pensam que isso é um massacre. Que isso é um horror. Mas, no fundo, vocês sabem que estou certo.
Ele abriu os braços, como se estivesse pregando um sermão.
— Vocês nunca foram livres. Nunca foram fortes. Nunca tiveram controle sobre nada. E agora, ajoelhados diante de mim, vocês finalmente veem a verdade.
Ele caminhou até um dos soldados da Nova Ordem e pegou a bandeira preta e vermelha com seu emblema. Segurou-a no alto, deixando o tecido pesado esvoaçar.
— Eu sou o único líder que vocês precisam. Eu sou o único protetor desta terra.
Ele olhou novamente para a câmera, com um sorriso frio.
— A Nova Ordem não é um regime. Não é uma ditadura. Não é um império.
Ele fechou o punho.
— A Nova Ordem sou eu.
Atrás dele, os soldados ergueram seus rifles e abriram fogo contra os prisioneiros restantes.
Os corpos caíram em silêncio.
Alastor respirou fundo e voltou a olhar para a cidade que conquistara. Seus arranha-céus reluziam sob a luz vermelha dos holofotes. Monumentos antigos foram destruídos e substituídos por estátuas suas, erguidas em triunfo.
Ele venceu.
Ele sempre venceria.
Mas então, por um breve instante...
Ele sentiu algo.
Colocou a mão no interior do uniforme, os dedos tocando um pedaço de papel gasto.
Uma foto amassada.
Um garoto loiro, sorridente, segurando a mão de uma mulher de olhos gentis.
Seus dedos se crispavam. Fogo. Cinzas. O passado não importava mais.
Ele não era aquele garoto. Nunca mais seria.
Virou-se para seus generais, a expressão impassível.
— Reúna o povo na praça central. Quero um discurso em uma hora. Quero fogos de artifício, quero comemorações, quero multidões cantando meu nome.
— E os corpos, meu senhor? — um dos oficiais perguntou.

Alastor deu um meio sorriso.

— Queimem todos. Não quero nada que lembre esse dia.

E então, ele se ergueu no ar, subindo lentamente como uma divindade ascendente.

O mundo abaixo dele era cinza e vermelho.

Cinza, como as cinzas dos que morreram.

Vermelho, como o sangue dos que ainda morreriam.

A Nova Ordem reinava absoluta.

— CAPÍTULO II —

A Purificação

O céu de Sinport era opaco, como se a própria luz do sol se recusasse a iluminar a cidade. A névoa avermelhada pairava constante, misturando-se à fumaça das fábricas que trabalhavam sem descanso. Os arranha-céus curvados, com suas superfícies cromadas e detalhes luminosos de néon vermelho e branco, refletiam um brilho artificial, projetando sombras longas e inquietantes pelas ruas estreitas.

Os carros — máquinas robustas inspiradas nos modelos dos anos 50, com carrocerias arredondadas e cromadas — flutuavam levemente sobre trilhos magnéticos, movendo-se silenciosos entre os enormes cartazes que adornavam os edifícios. Alastor Galewind era a imagem dominante nessas propagandas: seu rosto frio e severo observava cada cidadão, com os olhos azuis brilhando como lâminas afiadas.

Sinport estava sempre sob vigilância.

E agora, todos estavam reunidos para testemunhar a justiça de Alastor.

Uma sombra cortou os céus.

Alastor desceu dos céus como um anjo vingador, seus pés tocando suavemente o centro da Praça da Purificação. Seu uniforme era impecavelmente negro, justo ao corpo como a pele de um predador, com pequenos detalhes vermelhos que pulsavam levemente, como se a própria roupa respirasse junto com ele.

Não havia capa. Ele não precisava de uma.

O silêncio foi imediato.

Os cidadãos de Sinport estavam ali, reunidos como um exército disciplinado. Alguns por devoção cega. Outros por puro terror. O medo pairava no ar, espesso como um gás invisível. Ninguém ousava respirar muito alto.

No centro da praça, uma plataforma de execução se erguia, negra e imponente, como um altar dedicado a um deus cruel. Sobre ela, os traidores estavam ajoelhados—cativos da Polícia Moral, os uniformes pretos dos guardas reluzindo sob as luzes brancas dos holofotes. Os prisioneiros tinham os rostos cobertos por sacos de linho imundos, mas ninguém duvidava quem eram.

A Resistência Carmesim.

Eles tinham tentado sabotar a Nova Ordem.

E agora, pagariam o preço.

Alastor caminhou até o centro da plataforma, seus passos ecoando na praça. As telas gigantes espalhadas pela cidade capturavam cada detalhe dele—os traços perfeitos, o olhar glacial, os fios dourados de cabelo meticulosamente alinhados.

Ele ergueu uma mão.

O silêncio tornou-se absoluto.

— Povo de Sinport.

Sua voz ressoou como um trovão.

— O que nós conquistamos não pode ser desafiado. Não pode ser corrompido. Não pode ser questionado.

A multidão respondeu com um rugido de aprovação. Mas seus olhos estavam vazios.

Ele sorriu, mas não havia alegria nesse sorriso.

— A Nova Ordem trouxe paz. Trouxe força. Trouxe pureza.

Ele girou a cabeça lentamente para os prisioneiros ajoelhados.
— E, no entanto, ainda existem aqueles que desejam arruinar isso. Aqueles que sonham com o caos. Que sonham em desafiar minha vontade.
A plateia se agitou, mas ninguém ousou falar.
Alastor caminhou até um dos prisioneiros e arrancou brutalmente o saco de linho.
Era um homem jovem, magro e marcado por hematomas. Seus olhos estavam fundos, mas havia fogo neles — o olhar de alguém que ainda não havia sido quebrado.
Alastor inclinou-se, observando-o como um cientista observa um inseto.
— Diga-me, rebelde. Você se arrepende?
O homem ofegou.
Alastor aproximou-se ainda mais, sua voz reduzida a um sussurro afiado.
— Fale, ou eu farei da sua morte um espetáculo que Sinport jamais esquecerá.
O prisioneiro hesitou.
Então, cuspiu no rosto de Alastor.
A multidão prendeu a respiração.
A saliva escorreu lentamente pela bochecha de Alastor.
Ele não se moveu.
Seu rosto permaneceu impassível. Sua expressão, inalterada.
Ele apenas observou o prisioneiro.
Longos segundos se passaram. O homem começou a tremer.
Então, Alastor sorriu.
Lentamente, ergueu a mão direita.
E fechou os dedos.
O som foi como um galho seco quebrando.
O corpo do rebelde entrou em colapso — ossos estalando, membros se contorcendo em ângulos impossíveis. O sangue jorrou de sua boca e olhos, antes que ele caísse no chão como um boneco sem vida.
A multidão ficou em silêncio.
Até que alguém aplaudiu.
E então outro.
E outro.
Logo, a praça inteira estava ovacionando, como se tivessem acabado de assistir a uma grandiosa peça teatral.
Alastor ergueu os braços.
— Eis o destino dos fracos. Dos indignos. Dos impuros.
Ele olhou para os outros prisioneiros.
Seus olhos brilharam em um tom vermelho profundo.
As chamas subiram ao redor dos corpos deles.
Os gritos ecoaram pela cidade.
E Sinport celebrou.
A praça ainda ressoava com os aplausos ensurdecedores quando Alastor Galewind ergueu voo, abandonando a cena como um deus satisfeito com seu espetáculo. O vento gerado por sua ascensão espalhou a cinza dos rebeldes queimados, cobrindo o chão de um véu negro que se misturava à poeira de Sinport.
Ele subiu rapidamente pelos céus opacos da cidade, suas botas negras cortando as nuvens de poluição como lâminas afiadas. Dos céus, Sinport parecia uma joia deformada— edifícios de metal cromado e curvas art déco, ruas impecáveis onde a sujeira era lavada com mais frequência do que o sangue. Os holofotes de vigilância giravam incessantes, refletindo o brilho vermelho dos letreiros de neon.

Ao longe, no coração da metrópole, elevava-se o Edifício Galewind, uma torre colossal de metal escuro e vidro fumê, com um design que lembrava uma fortaleza impenetrável. A sede do poder absoluto.

Alastor pousou suavemente na plataforma superior, onde oficiais de alto escalão o aguardavam em posição de sentido, rígidos como estátuas. Eles não ousavam olhar diretamente para ele até que ele desse permissão.

— Relatório.

O general Erich von Kessler, um homem de feições duras e uniforme impecavelmente preto com detalhes prateados, deu um passo à frente e saudou.

— Mein Führer, os rebeldes remanescentes estão recuando para os túneis subterrâneos. Perdemos dois esquadrões na emboscada do Distrito de Ferro, mas as tropas de choque já estão em posição para retomar a área.

Alastor caminhou lentamente em direção à entrada do edifício, e seus generais o seguiram como cães fiéis.

— Dois esquadrões? — sua voz era calma, quase desapontada. — E por que eu ainda estou ouvindo falar dessa escória viva?

Kessler engoliu seco.

— Eles têm lutado com táticas de guerrilha, Mein Führer. Utilizam os esgotos e sistemas antigos da cidade. Eles evitam confrontos diretos e atacam postos de suprimentos e transmissões.

Alastor parou de andar.

Lentamente, virou-se para Kessler.

— Então me diga, Kessler... Você quer que eu acredite que um bando de ratos esfomeados está conseguindo nos derrotar?

Os outros generais prenderam a respiração. Kessler sentiu um frio subindo por sua espinha.

— Eu...

Antes que pudesse terminar, Alastor agarrou seu crânio com uma mão só.

O silêncio foi absoluto.

— Sabe o que eu odeio mais do que a fraqueza, Kessler?

Kessler tentou balbuciar algo, mas o aperto de Alastor aumentou.

— Desculpas.

Com um movimento seco, ele esmagou o crânio do general como se fosse uma fruta podre. O corpo desabou no chão, o sangue se espalhando pelas botas de Alastor.

Os outros generais não se moveram.

Apenas aguardaram.

Ele suspirou, limpando a luva no casaco do cadáver.

— Alguém tem mais desculpas?

Silêncio.

— Ótimo.

Ele retomou seu caminho pelo edifício.

O bunker de comando no topo do Edifício Galewind era uma obra-prima da engenharia militar. Mapas holográficos projetavam cada distrito de Sinport, marcando zonas de controle, ataques rebeldes e setores a serem “purificados”. A sala era ampla, revestida de metal escovado e iluminada por um brilho frio e branco.

Os oficiais se posicionaram ao redor da mesa central, onde um mapa tridimensional da cidade pulsava em tempo real.

Alastor observou as movimentações táticas com um olhar afiado, as mãos cruzadas atrás das costas.

— O Distrito de Ferro precisa ser lacrado. Se estão se escondendo nos túneis, inundem-nos com gás venenoso.

Um dos generais hesitou.

— Mein Führer... Isso mataria milhares de trabalhadores leais que vivem na região...

Alastor virou a cabeça levemente para o lado, como um predador analisando sua presa.

— E?

O general congelou.

— Mas... são cidadãos da Nova Ordem.

Alastor se aproximou lentamente.

— São peões. Ferramentas. Se precisam morrer para esmagarmos essa praga, então morrerão.

Ele bateu a mão na mesa, os olhos vermelhos brilhando.

— Se há uma maçã podre no cesto, você hesita em jogá-la fora? Ou a deixa apodrecer até infectar todas as outras?

Os oficiais se entreolharam.

Alastor sorriu.

— Exatamente.

Ele se virou para um dos estrategistas.

— Ataque aéreo no Distrito de Ferro. Reduzam-no a cinzas. Não quero nem pó sobrando.

O general apenas assentiu e enviou a ordem.

Alastor caminhou até a grande janela panorâmica que exibia Sinport em toda a sua grandiosidade. As ruas brilhavam com neon, os dirigíveis da propaganda flutuavam, espalhando mensagens de obediência.

Ele dominava tudo aquilo.

E ninguém jamais o derrubaria.

Não enquanto ele reinasse como um deus sobre os mortais.

O **Distrito de Ferro** estava mergulhado em um silêncio sepulcral, cortado apenas pelo ruído metódico das botas dos soldados da **Nova Ordem** contra o asfalto rachado. Os homens de Alastor **moviam-se como sombras**, deslizando entre as ruínas industriais, cada um com um objetivo preciso.

Sob a luz pálida dos holofotes de patrulha, os engenheiros de demolição trabalhavam em um balé mortal de eficiência militar. Eles conectavam cabos, ajustavam os detonadores, verificavam as cargas magnéticas nas estruturas enferrujadas dos prédios.

— Zona cinco armada. — uma voz sussurrou pelo comunicador.

— Zona seis, confirmada.

— Zona sete, quase concluída.

Nos esgotos abaixo da cidade, um grupo de resistentes murmurava entre si, sem saber que, a poucos metros acima, seus túmulos já estavam selados.

Em uma das torres de observação, um oficial ergueu um binóculo digital, focando no topo do Edifício Galewind.

Ele está assistindo.

Lá em cima, no ponto mais alto de Sinport, Alastor Galewind permanecia de pé diante de uma imensa janela panorâmica, as mãos atrás das costas, o rosto impassível refletido no vidro escuro.

A sala era um monumento ao minimalismo brutalista. Paredes metálicas adornadas com pequenos detalhes vermelhos, um chão reluzente como vidro negro e um teto alto que evocava a frieza de uma catedral mecanizada.

Atrás dele, os generais de seu Alto Comando se mantinham em silêncio, aguardando, temerosos de interromper sua contemplação.

Um leve zumbido elétrico rompeu o silêncio. Os detonadores estavam prontos.

Alastor inclinou ligeiramente a cabeça, como se sentisse a vibração das bombas espalhadas pela cidade. Seu olhar deslizou pelo Distrito de Ferro, pelas torres de metal corroído, pelas chaminés que há décadas cuspiam fumaça, agora apenas monumentos decadentes de uma era obsoleta.

Ele inspirou lentamente.

— Acionem.

O comando foi seco, cortante.

Do outro lado da cidade, os soldados pressionaram os gatilhos.

O inferno se abriu.

O brilho das explosões no Distrito de Ferro iluminava o horizonte de Sinport como fogos de artifício macabros. Dos amplos vidros escuros do Edifício Galewind, Alastor observava a destruição com a expressão calma de um escultor analisando sua obra. Pequenos pontos em chamas moviam-se pelas ruas, pessoas queimando vivas enquanto os destroços desmoronavam sobre elas.

Atrás dele, seus generais se mantinham em silêncio, temerosos de perturbar seu momento de contemplação.

— Quantos morreram até agora? — ele perguntou, sem desviar os olhos do massacre.

Um oficial consultou os dados holográficos, a voz vacilante.

— Estimamos... cerca de trezentos, Mein Führer.

Houve uma pausa.

Alastor franziu os lábios levemente.

— Apenas isso?

O oficial empalideceu.

— Os túneis ainda não colapsaram completamente. Alguns bolsões de resistência podem ter sobrevivido.

Alastor suspirou, fechando os olhos por um instante. Então, virou-se lentamente, caminhando até o centro da sala de comando.

— Ligue a transmissão global.

Os oficiais se entreolharam antes de um deles apertar um botão em um painel metálico. As câmeras foram ativadas, e em instantes, todas as telas de Sinport—dos telões das avenidas aos monitores nas casas—mostraram a imagem de Alastor Galewind, sua silhueta vestida de negro destacando-se contra a paisagem ardente ao fundo.

Ele inclinou-se ligeiramente para frente, encarando diretamente os milhões de cidadãos que, naquele momento, prendiam a respiração diante de seus rostos pálidos refletidos nas telas.

— Hoje, testemunhamos um espetáculo de justiça.

Sua voz era hipnotizante, cada palavra impregnada de uma autoridade quase divina.

— Os vermes da rebelião tentaram envenenar a nossa gloriosa cidade, conspirando contra a ordem que conquistamos com sangue e aço. Mas vejam... — ele abriu um braço, indicando o horizonte incandescente — ... o destino de todos aqueles que desafiam a Nova Ordem.

Silêncio. Nenhum som vinha das transmissões. A população assistia, mas ninguém ousava reagir.

— Se há um câncer em um corpo saudável, um verdadeiro médico não hesita em cortar a carne podre. Eu sou esse médico. Eu sou a lâmina que separa os dignos dos fracassados.

Ele sorriu ligeiramente, um brilho sádico nos olhos.

— E saibam disto: esta foi apenas a primeira purificação.

A transmissão se encerrou abruptamente.

No salão de comando, os oficiais mantinham a postura ereta, aguardando novas ordens.

Ninguém ousava demonstrar qualquer emoção.

Alastor então se virou para o marechal Gregor Stahl, um veterano de guerra de olhar frio e cicatrizes profundas.

— Quero um cerco total na Zona Norte. Todos os dissidentes conhecidos devem ser arrastados para interrogatório. Quaisquer traidores devem ser executados no local.

— E quanto aos cidadãos comuns, Mein Führer? — Stahl perguntou, sua voz dura, mas cautelosa.

— Se não forem leais o suficiente para denunciar os rebeldes, então também são culpados. Faça-os desaparecer.

Stahl assentiu imediatamente, sem questionar.

Alastor voltou a encarar o mapa holográfico, os olhos brilhando em puro cálculo.

A guerra era um jogo.

E ele estava sempre três jogadas à frente de qualquer um.

O brilho das chamas dançava em seus olhos azul-acinzentados como espectros silenciosos. O calor das explosões no Distrito de Ferro era quase palpável mesmo ali, nas alturas do Edifício Galewind, onde Alastor permanecia imóvel diante da imensa janela, observando a ruína que orquestrara com a precisão de um maestro.

A cidade era um cadáver em combustão, o fogo mastigando o concreto, devorando os destroços de prédios que haviam sido testemunhas silenciosas da ascensão de sua ordem. E no entanto, havia uma simetria na destruição. Uma beleza cruel.

Seus lábios se curvaram levemente, um resquício de satisfação. Mas então, o olhar de Alastor perdeu o foco. Por um instante—um instante ínfimo, um deslize imperceptível—ele se viu refletido no vidro.

E não gostou do que viu.

O rosto era o mesmo: austero, imponente, esculpido como uma estátua de mármore negro. Mas havia algo nos olhos. Uma sombra, um cansaço que não deveria estar ali.

A mandíbula de Alastor se retesou. A fraqueza espreitava.

Seus dedos se crisparam nas costas da poltrona de couro negro, as articulações rangendo sob a pressão. Um lampejo de memória o atravessou como uma lâmina fria: uma voz feminina, suave, distante... O cheiro de flores murchas... O toque de uma mão sobre a sua. Ele piscou. O reflexo no vidro tremeu.

E então, uma única lágrima escorreu pelo seu rosto.

Tão rápido quanto veio, desapareceu.

Alastor cerrou os olhos por um instante, respirando fundo. Sentir é morrer.

Ele murmurou para si mesmo, num tom tão baixo que nem as paredes frias poderiam ouvir:

— Fraqueza é um tumor. Se não for extirpado, devora o hospedeiro.

Suas mãos se afrouxaram, sua postura voltou a ser impecável.

Ele abriu os olhos, agora injetados de uma ferocidade glacial, e girou nos calcanhares.

Seus passos ecoaram pesados pelo salão de comando. Os oficiais alinharam-se imediatamente, ombros tensos, olhos fixos no chão.

— Stahl.

O marechal ergueu a cabeça, rígido como uma lança.

— Mein Führer.

— Prepare minha armadura. Amanhã, marchamos para o leste.

O silêncio na sala era absoluto.

Alastor não deu espaço para questionamentos. Ele já não era um homem diante daquela janela—era um império, uma muralha, um deus de aço e sangue.

E deuses não sangram.

— CAPÍTULO III —

Centurião Dourado

O deserto consumia tudo. O vento seco raspava contra a pele, carregando areia fina que se infiltrava nas roupas e nos pulmões. Marcus Leland continuava correndo.

O corte na testa pingava sangue sobre os olhos. O gosto metálico misturava-se à poeira e ao suor. Cada passo era um esforço. Cada músculo queimava de exaustão. Mas parar não era uma opção.

Atrás dele, os tiros ecoavam nos corredores da cidade enterrada. Explosões estremeciam as velhas paredes de pedra. Os soldados da Nova Ordem estavam perto.

Marcus se apoiou em uma pilastra rachada e seguiu em frente. O caminho era estreito, iluminado apenas pelas tochas deixadas pelos arqueólogos. O calor das chamas tremulantes fazia sombras dançarem nos hieróglifos esculpidos nas paredes. Símbolos estranhos, que ele não entendia.

Então ele a viu.

No centro da câmara, uma estrutura metálica dourada estava suspensa, segurada por braços mecânicos antigos, ligados a consoles embutidos nas paredes. Cabos grossos se estendiam como raízes, conectando a armadura a um reator que pulsava com uma luz azul pálida.

A Armadura do Centurião.

Marcus se aproximou, sentindo o cheiro de metal e ozônio. O coração disparou.

O capacete tinha um visor negro e liso, refletindo seu rosto ensanguentado. O peito da armadura era robusto, marcado com símbolos antigos. O dourado brilhava sob a luz fraca.

Atrás dele, o barulho de botas ecoou pelos corredores. Eles estavam chegando.

Marcus levantou as mãos e tocou a armadura. O metal estava frio.

No mesmo instante, os painéis da parede se iluminaram com símbolos alienígenas. Um som agudo preencheu a câmara, como uma máquina despertando após séculos adormecida.

As placas douradas se moveram.

Os braços mecânicos soltaram a armadura. O reator emitiu um pulso de energia. Uma vibração percorreu o chão.

Marcus sentiu um choque subir pelos dedos, percorrendo seus braços. Seu corpo travou.

A armadura estava lendo algo.

De repente, ela se abriu.

O torso deslizou para os lados. O capacete se partiu ao meio. As placas dos braços e das pernas se retraíram. O interior da armadura brilhava em um azul profundo, revelando um sistema complexo de circuitos orgânicos e engrenagens impossíveis.

Marcus não pensou. Ele entrou.

A armadura se fechou ao redor dele.

Um espasmo atravessou sua espinha. Algo se conectou diretamente ao seu sistema nervoso. Ele gritou. A dor foi intensa, como se fios quentes estivessem se fundindo à sua carne.

Então tudo silenciou.

Marcus abriu os olhos. O HUD da armadura piscou diante dele. Dados correram pelo visor. Sistemas ativados.

Atrás dele, os soldados entraram na câmara.
Marcus virou a cabeça. O movimento foi natural, como se a armadura fosse uma extensão do seu corpo.
Os soldados apontaram as armas.
Marcus ergueu a mão.
A armadura respondeu.
Um pulso dourado atravessou o ar. Os inimigos foram arremessados para trás como bonecos de pano.
Marcus respirou fundo dentro do capacete. O Centurião estava vivo.
E a guerra tinha acabado de começar.
O primeiro soldado tentou se levantar depois de ser arremessado pelo impacto do pulso. Não teve chance.
Marcus avançou. Rápido demais. O homem mal ergueu a arma antes que um punho dourado esmagasse seu crânio contra a parede de pedra. O som da fratura ecoou pela câmara, um estalo seco, seguido pelo ruído úmido da carne sendo triturada. Sangue e massa encefálica espirraram no visor da armadura.
Outro soldado abriu fogo. Raios de energia ricochetearam no peito metálico do Centurião. Marcus giro u o corpo, desviando-se da linha de tiro. O visor calculou o movimento do inimigo antes mesmo que ele reagisse. A lança térmica embutida na manopla se ativou. Um estalido metálico.
A lâmina incandescente cortou o soldado ao meio. Do ombro até a cintura, o corpo foi partido em dois, as entranhas carbonizadas caindo no chão com um som viscoso. O cheiro de carne queimada inundou o ar.
Os sobreviventes gritaram. O pavor tomou conta deles.
— É impossível! Ele deveria estar morto!
Marcus não respondeu. Apenas avançou.
Dois soldados tentaram correr. As botas da armadura magnetizaram-se ao chão, e ele disparou para frente como um projétil humano. O primeiro foi atingido por um soco direto no peito. A armadura dele afundou, suas costelas explodiram para fora das costas. O segundo não teve tempo de gritar antes de ser agarrado pelo pescoço.
Marcus apertou.
Os ossos quebraram sob a força absurda da armadura. A traqueia do homem foi esmagada. Ele estrebuchou, tentando segurar as mãos metálicas que o sufocavam. Os olhos esbugalharam, o rosto roxo de desespero.
Marcus jogou o corpo para o lado. Sem importância.
Os três últimos soldados caíram para trás, tremendo. Um deles tentou engatilhar uma granada.
Tarde demais.
A armadura ativou o canhão embutido no antebraço. Um raio de plasma cortou o ar, vaporizando o braço do inimigo antes que ele pudesse reagir. O soldado caiu no chão, gritando e se debatendo. O coto fumegante expelia sangue negro pelo chão de pedra.
Marcus caminhou devagar até ele. Pousou o pé metálico sobre o rosto do homem.
E pisou.
O crânio se rompeu como uma fruta madura.
Os dois últimos soldados já estavam de joelhos, armas largadas no chão.
— P-por favor... — um deles balbuciou. — Não fomos nós... não tínhamos escolha!
Marcus ergueu o braço.
Um estalido.
O primeiro homem explodiu em uma nuvem vermelha.

O último, em pânico, tentou rastejar para longe. Chorava, sussurrava súplicas incompreensíveis.

Marcus o ergueu pelo colarinho. O visor da armadura escaneou seu rosto. A Nova Ordem não perdoaria desertores.

— Nem eu.

A mão metálica apertou sua garganta. Pela segunda vez naquela noite, ossos viraram pó.

Quando tudo silenciou, Marcus ficou parado por um momento. Respirou.

O chão estava coberto de corpos destrocados. O sangue escorria por entre as pedras. O ar cheirava a ferro, queimado e morte.

A armadura reconheceu o massacre.

“Adaptação de combate concluída.”

Marcus olhou para os cadáveres. Sua voz soou metálica dentro do capacete.

— Perfeito.

O vento seco soprava sobre a colônia rebelde, levantando poeira sobre as ruas de terra batida. As construções baixas, feitas de pedra e argila, se empilhavam umas sobre as outras, formando vielas estreitas onde olhos amedrontados espreitavam das sombras. Havia um tempo em que aquele lugar fora um refúgio seguro, um abrigo para aqueles que fugiam da Nova Ordem. Mas agora, os opressores estavam ali.

Soldados de armadura negra patrulhavam a vila. Civis, magros e exaustos, eram forçados a carregar suprimentos para os invasores. Um homem mais velho caiu de joelhos, sem forças para continuar. O cabo de um rifle esmagou sua cabeça contra o chão.

— Levante-se, porco! — gritou um dos soldados.

A esposa do velho se atirou sobre ele, tentando protegê-lo. Um chute a lançou para trás.

A multidão observava em silêncio. A esperança já não existia ali.

E então... o céu se abriu.

Um feixe dourado cortou as nuvens como um raio caindo dos céus. A terra tremeu quando algo atingiu o solo no centro da vila.

O Centurião havia chegado.

Os soldados deram um passo para trás, ofuscados pelo brilho. A poeira assentou, revelando a armadura dourada refletindo a luz da lua.

Marcus não hesitou.

O primeiro soldado nem viu o golpe chegar. Um soco atravessou seu peito, perfurando armadura e carne como papel. O corpo caiu sem vida, um buraco fumegante onde antes havia um coração.

O segundo tentou reagir. Levantou sua arma, mas Marcus já estava sobre ele.

Uma lâmina térmica se projetou do antebraço da armadura e arrancou sua cabeça em um único movimento.

Os outros entraram em pânico.

— Matem ele!

Tiros choveram contra o Centurião. As balas ricochetearam na armadura como se fossem pedras inofensivas.

Marcus ergueu o braço direito.

Um raio de plasma cortou o ar e atingiu um soldado no peito. A armadura negra explodiu de dentro para fora, espalhando carne carbonizada pelo chão.

Os três últimos tentaram correr.

O Centurião saltou.

O impulso da armadura o lançou como um projétil. Ele caiu sobre um deles, esmagando sua coluna com o impacto. Os gritos do homem morreram no mesmo instante.

Os dois restantes foram pegos pelo pescoço, um em cada mão.

Marcus apertou.

Os capacetes de ambos estalavam como cascas de ovo.

O silêncio reinou na colônia. Os rebeldes assistiam em choque. Eles conheciam as histórias, os sussurros sobre o guerreiro de ouro que desafiava a Nova Ordem. Mas agora, ele estava diante deles.

Marcus deu um passo à frente. Sua voz, amplificada pelo capacete, ecoou pela vila inteira.

— Sei que vocês perderam tudo. Sei que pensam que não há mais saída.

Os rostos sujos e abatidos se voltaram para ele. Havia medo, mas também... algo novo.

— Olhem ao redor. — Marcus apontou para os corpos dos soldados. — Eles diziam que eram invencíveis. Mas sangraram como qualquer outro.

Um murmúrio atravessou a multidão.

— A Nova Ordem governa pelo medo. Mas hoje, eu lhes devolvo algo que tentaram arrancar de vocês.

Marcus ergueu um punho dourado manchado de sangue.

— Esperança.

O silêncio se rompeu.

Os rebeldes se ergueram, gritando, seus olhos brilhando com algo que há muito haviam esquecido.

A guerra pela liberdade havia começado.

— CAPÍTULO IV —

Correntes

A cidade murada de Sinport se erguia no horizonte como um esqueleto de metal e concreto, suas torres cinzentas refletindo a luz do sol pálido. O vento carregava poeira e o cheiro de fuligem, sufocando as ruas estreitas, onde os poucos que se aventuravam caminhavam em silêncio, de cabeça baixa.

Pelas paredes, hologramas piscavam, projetando o rosto de Alastor Galewind em tons frios e metálicos. Sua voz ecoava nas ruas em intervalos regulares:

"A Nova Ordem é paz. A Nova Ordem é justiça. Confie na Nova Ordem."

Ninguém olhava para os hologramas.

Em uma parede próxima, um pôster oficial exibia Alastor em sua postura imponente, o olhar severo fixado no horizonte. Alguém havia rabiscado por cima com carvão. Onde antes estava escrito "Honesto e Justo", agora se lia: "Monstro e Ditador".

Abaixo, três marcas de tiro cortavam o papel.

Um soldado de armadura negra passava lentamente por ali, arrastando os olhos sobre os transeuntes. Seus dedos tamborilavam sobre o gatilho do rifle, e todos sabiam que ele não hesitaria em usá-lo.

No canto de uma praça desgastada, uma fila se estendia por metros diante de um depósito de suprimentos. Pessoas exaustas e famintas esperavam sob o sol escaldante. Um homem, magro como um cadáver ambulante, esticou demais a mão ao receber seu racionamento.

— Apenas uma porção por cidadão. — A voz fria do oficial atrás do balcão não carregava emoção alguma.

— Por favor... minha filha... Ela precisa mais do que eu.

Um golpe de cassete.

O homem caiu no chão com um grito abafado, o pão seco rolando pela poeira. Os outros na fila viraram o rosto, sem ousar reagir.

No beco ao lado, dois jovens trocavam palavras em sussurros, encostados em uma pilha de sucata.

— É verdade? Ele realmente destruiu um posto avançado da Nova Ordem sozinho?

— Shhh! Quer morrer? Se alguém te ouve falando disso...

As palavras morreram no ar. Um grupo de soldados atravessava a rua, olhando para os lados como cães de caça farejando algo invisível.

Acima deles, um drone de vigilância pairava silencioso, sua câmera piscando um tom vermelho suave.

Um garotinho de sete ou oito anos correu por uma viela próxima, chutando uma bola feita de trapos. Riu por um segundo, apenas um segundo—e então sua mãe o agarrou pelo braço, apertando-o contra o peito.

— Fique quieto.

O menino olhou para os soldados e entendeu.

Seu rosto perdeu a alegria no mesmo instante.

A opressão da Nova Ordem não precisava de palavras.

Estava no silêncio das ruas.

Nos olhos que evitavam contato.

Nos corpos magros encolhidos sob a poeira e o medo.

Mas algo estava mudando.

Abaixo do cartaz rabiscado de Alastor, alguém desenhara um símbolo discreto, em tinta vermelha.

Um punho erguido.

O Centurião Dourado era real. E a esperança voltava a queimar.

O estúdio era uma relíquia de um tempo que nunca existiu. Câmeras volumosas giravam suavemente sobre suas bases cromadas, enquanto telões de vidro curvo piscavam com a logo da Nova Ordem. O chão era de azulejos brancos brilhantes, refletindo a iluminação intensa que tornava tudo artificialmente perfeito.

As cadeiras do auditório eram alinhadas em fileiras simétricas, ocupadas por um público vestindo roupas bem passadas, porém gastas. Homens de ternos cinzentos, mulheres de vestidos modestos, todos sentados com postura rígida, olhar fixo à frente. Não porque estavam ansiosos, mas porque não tinham escolha.

No centro do palco, em frente a uma grande mesa de vidro fumê, o apresentador ajeitou a gravata. Um homem magro, de sorriso engessado, cabelo lambido com gel. Seu terno azul-marinho brilhava sob as luzes, mas seus olhos, mesmo atrás das lentes redondas, traíam um medo profundo.

Atrás dele, um telão curvo projetava imagens de propaganda: soldados da Nova Ordem marchando em perfeita sincronia, fábricas funcionando sem descanso, cidades reconstruídas sob a bandeira rubra e dourada do regime. No alto do telão, o slogan piscava a cada poucos segundos:

"A Nova Ordem é Paz. A Nova Ordem é Justiça. A Nova Ordem é o Futuro."

O apresentador sorriu para a câmera. Um sinal vermelho piscava no canto, indicando que estavam ao vivo.

— Boa noite, cidadãos leais da Nova Ordem! Sejam bem-vindos a mais uma edição do "Futuro Brilhante"!

A plateia aplaudiu.

Mas os aplausos foram mornos, mecânicos, vazios.

Ninguém sorriu.

O apresentador respirou fundo, engolindo a tensão. Os microfones antigos, em forma de cápsula metálica, captavam cada mínima hesitação em sua voz. Ele virou-se para a câmera principal, mantendo o tom animado.

— Esta noite temos um convidado muito especial... Um homem que trouxe a ordem ao caos, que guiou a civilização para um novo amanhã! Com imensa honra e gratidão, damos as boas-vindas ao...

Ele engoliu em seco antes de continuar:

— ...Bem Feitor e Nosso Senhor... Alastor Galewind!

Os aplausos ecoaram novamente, mais longos desta vez. Mas o público batia palmas devagar, como um relógio velho funcionando no ritmo exato para evitar problemas.

A música do programa tocou pelos auto-falantes embutidos nas paredes metálicas, uma melodia suavemente militarizada, com uma orquestra excessivamente grandiosa.

E então ele apareceu.

Alastor Galewind entrou pelo lado direito do palco, sua presença sugando o ar da sala. Alto, imponente, vestido com um terno preto impecável, adornado com broches dourados em formato de águia. Seu cabelo, loiro e perfeitamente penteado para trás, contrastava com os olhos azuis cortantes, frios como gelo de um inverno nuclear.

Ele caminhou sem pressa, cada passo medido, calculado. Atrás dele, dois soldados de armadura escura mantinham-se imóveis, fuzis embainhados nos ombros.

A plateia aplaudia, mas ninguém sorria.

O apresentador esticou a mão trêmula para cumprimentá-lo. Alastor parou, encarando-o por um segundo a mais do que o necessário. Então, lentamente, apertou sua mão com força.

— Boa noite, Senhor Galewind! É uma honra tê-lo aqui no nosso programa.

Alastor sentou-se sem responder.

O apresentador soltou uma risada nervosa, se ajeitando na cadeira. Os microfones antigos captaram o engolir seco.

— Bom...! Vamos direto ao que interessa. — Ele virou-se para a câmera. — Nosso glorioso líder tem trabalhado incansavelmente para manter a paz e a estabilidade de nossa sociedade. Mas há aqueles que, infelizmente, tentam ameaçar essa harmonia...

Ele virou-se para Alastor.

— Senhor Galewind, o que o senhor tem a dizer sobre os recentes... ataques rebeldes?

Alastor não respondeu imediatamente. Ele apenas deslizou os dedos sobre o braço da poltrona de couro, olhando para o apresentador como um predador observando uma presa ferida.

O silêncio esticou-se por tempo demais.

Então, finalmente, ele falou.

— A paz não é um direito. É um privilégio.

Sua voz era grave, firme, sem pressa.

— E privilégio não é concedido aos fracos.

O apresentador tentou manter o sorriso, mas seus dedos apertaram os papéis sobre a mesa com força.

— Então... o senhor está dizendo que...

— Estou dizendo que aqueles que desafiam a ordem conhecerão a consequência.

Alastor inclinou-se ligeiramente para frente.

— E essa consequência não será misericordiosa.

Na plateia, alguém respirou fundo demais.

Alastor virou a cabeça lentamente, como se tivesse ouvido cada suspiro da sala.

O apresentador limpou a garganta, tentando seguir em frente.

— Bem, Senhor Galewind, alguns podem argumentar que... talvez... a resposta da Nova Ordem seja um pouco... extrema?

Um silêncio sepulcral caiu sobre o estúdio.

O apresentador congelou.

O ar se tornou pesado, denso.

Os olhos de Alastor se fixaram nele como uma faca pressionada contra a garganta.

— O que você disse?

A voz não precisou ser alta. Ela cortou como aço em carne viva.

— Eu... eu só quis dizer que talvez algumas medidas...

— Você questiona o meu julgamento?

O apresentador tremeu visivelmente.

— N-não, Senhor... eu apenas...

— Você... questiona a paz?

A câmera focou no apresentador, suas mãos trêmulas segurando os papéis amassados. Seu sorriso agora era apenas um reflexo quebrado do medo absoluto.

Na plateia, ninguém se movia.

Ninguém piscava.

— Não... jamais, Senhor. Eu apenas quis dizer que...

— Você quis dizer o que eu digo que você quis dizer.

Silêncio.

Então, Alastor sorriu.

O sorriso de um homem que já decidiu seu veredito.
O apresentador tentou engolir, mas não conseguiu.
— Bom garoto. — Alastor finalmente se recostou na poltrona.
O apresentador forçou uma risada.
O estúdio ainda estava mergulhado em um silêncio pesado quando a câmera voltou ao enquadramento fechado no apresentador. A luz branca intensa fazia seu suor brilhar na testa. Ele piscou algumas vezes, tentando recuperar o ritmo.
Alastor Galewind continuava reclinando-se na poltrona, um sorriso leve, quase casual, mas seus olhos perfuravam como punhais.
O apresentador limpou a garganta e tentou forçar um tom neutro.
— Senhor Galewind, acredito que todos os cidadãos... todos os verdadeiros cidadãos da Nova Ordem... gostariam de ouvir de sua própria boca sobre os planos para o futuro.
Ele tentou manter a postura, mas suas mãos tremiam sob a mesa.
Alastor ergueu a sobrancelha, como se estivesse avaliando um inseto antes de esmagá-lo.
— "O futuro."
Ele repetiu a palavra lentamente, saboreando cada sílaba.
— O futuro pertence aos fortes. O passado pertence aos fracos. E os fracos...
Ele fez uma pausa dramática.
— Precisam ser eliminados.
A câmera focou no apresentador, que se remexeu desconfortável na cadeira.
— Eliminar...?
Alastor inclinou a cabeça ligeiramente, fingindo confusão.
— O que há de tão difícil de entender nisso?
— Bom... — O apresentador limpou a garganta, a voz falhando levemente. — Alguns podem argumentar que... talvez... seja preciso alguma forma de... clemência?
O sorriso de Alastor se alargou um pouco.
— Clemência.
Ele soltou uma risada baixa, perfeita e controlada, como se estivesse ouvindo uma piada contada por uma criança ingênua.
— Diga-me, apresentador... — Ele inclinou-se para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Se você vê um animal doente, um cão apodrecendo, você o deixa continuar sofrendo?
O apresentador piscou, suavemente ofegante.
— Bom... Eu acho que...
— Ou você faz o que precisa ser feito?
Alastor não piscava.
O apresentador se viu sem saída.
— Eu... eu suponho que...
— A Nova Ordem não "supõe". — A voz de Alastor endureceu. — A Nova Ordem age.
A câmera cortou rapidamente para a plateia. Homens e mulheres sentados retos, olhos fixos à frente, mãos fechadas em seus colos.
A câmera voltou para o palco.
— O problema do velho mundo, do mundo fracassado que veio antes de mim, foi a fraqueza. O sentimentalismo. A ideia de que todos têm valor.
Ele balançou a cabeça, os olhos brilhando com algo feroz.
— Nem todos têm valor.
O apresentador engoliu seco.
— Mas, Senhor Galewind, e aqueles que... aqueles que talvez estejam apenas... confusos? Perdidos? Eles não podem ser reeducados?
Alastor riu novamente, mas desta vez havia um peso brutal na sua risada.

— Reeducados? Como se a podridão pudesse ser lavada?
Ele virou-se para a plateia.
— Quantos de vocês já viram um traidor ser "reeducado"?
Silêncio absoluto.
Ninguém respirava alto demais.
Ele voltou-se para o apresentador.
— Você sabe o que eu faço com traidores?
— Bom... eu...
— Eu os penduro nas praças.
A câmera focou em seu rosto. Ele não piscava.
— Eu os faço gritar. Eu os faço sofrer. Eu os faço ser exemplos.
Ele olhou para a câmera, diretamente para os milhões de telespectadores forçados a assistir.
— Porque um homem gritando até perder a voz vale mais do que mil cartazes espalhados pelas ruas.
O apresentador sentiu o sangue gelar.
Ele tentou mudar de assunto.
— E-eu entendo, Senhor... Mas e sobre os rumores? Aqueles que dizem que a resistência está crescendo?
Alastor finalmente sorriu de verdade.
— Crescendo?
Ele riu baixinho.
— Crescendo... como ervas daninhas crescem antes de serem arrancadas.
Ele olhou de relance para os guardas ao lado do palco, e eles imediatamente se moveram.
O apresentador arregalou os olhos quando sentiu uma mão firme em seu ombro.
— Senhor...?
— Você gosta do seu trabalho? — Alastor perguntou, casualmente.
O apresentador não conseguiu responder.
A mão apertou seu ombro.
— Eu lhe perguntei se você gosta do seu trabalho.
O apresentador forçou um sorriso tenso.
— E-eu sou apenas um humilde servidor da Nova Ordem...
— Ótimo.
Alastor recostou-se novamente.
— Porque se algum dia eu sentir que você não está servindo bem...
A mão no ombro do apresentador apertou ainda mais forte.
Ele sentiu a dor irradiar pelos músculos.
— Bem... não vou precisar de um programa para dar o meu recado.
O apresentador piscou rápido, tentando não demonstrar o pavor.
— E-eu entendo perfeitamente, Senhor Galewind...
Alastor bateu palmas suavemente, duas vezes.
O guarda soltou o ombro do apresentador.
O homem quase suspirou em alívio, mas conteve-se.
— Ótimo. — Alastor sorriu. — Então termine o programa com um grande final.
O apresentador forçou a compostura, virando-se para a câmera.
— E assim... concluímos mais uma noite de glória e aprendizado! A Nova Ordem é paz!
A Nova Ordem é justiça! Boa noite a todos!
A câmera afastou-se lentamente, mostrando a plateia aplaudindo mecanicamente. A música orquestrada começou a tocar nos alto-falantes.
Mas, de repente, a imagem tremeu.

A música falhou.
Os holofotes piscaram.
E então, a transmissão foi interrompida.
A tela foi substituída por estática, seguida por um fundo negro.
Os olhos de Alastor se estreitaram.
Um som grave ecoou pelo estúdio, uma distorção digital, até que um símbolo apareceu nas telas.
Um punho dourado.
E abaixo dele, uma frase pulsava em letras luminosas:
"A RESISTÊNCIA NUNCA MORRE. O CENTURIÃO NOS PROTEGE."
Silêncio absoluto.
O apresentador ficou pálido como um cadáver.
Ele olhou para Alastor como se estivesse diante da própria morte.
— Senhor Galewind... — Sua voz saiu como um sussurro trêmulo.
Alastor não piscava.
Seus olhos brilhavam em vermelho.
— Quem. Fez. Isso?
O apresentador abriu a boca, mas nenhum som saiu.
Ele começou a tremer.
Os guardas ao redor estavam paralisados. Ninguém ousava se mover.
— Quem. Fez. Isso? — A voz de Alastor agora era puro ódio contido.
Ele virou-se lentamente para o apresentador, o fogo vermelho em seus olhos aumentando.
— Você?
— N-NÃO! Eu não... eu jamais...
Mas não importava.
A fúria de Alastor já havia transbordado.
Seus olhos brilharam violentamente.
E então — Raios de energia escarlate dispararam de seus olhos, cortando o ar como lâminas de plasma.
As telas explodiram em chamas.
O símbolo do punho dourado foi obliterado em segundos.
Os cabos derreteram, os holofotes piscaram caoticamente enquanto faíscas caíam sobre a plateia, que tentava conter os gritos de pavor.
Alastor não parou.
Os lasers atravessaram o estúdio, atingindo o núcleo do servidor da emissora.
O maquinário rugiu e estalou como vidro rachando.
E então — A cidade inteira mergulhou na escuridão.
A transmissão foi cortada instantaneamente.
Sinport ficou silenciosa.
No estúdio, apenas a respiração pesada de Alastor ecoava.
A fumaça subia das telas destruídas, das máquinas carbonizadas, das paredes enegrecidas pelo fogo.
O apresentador estava imóvel.
Suas mãos tremiam incontrolavelmente.
Os olhos de Alastor ainda brilhavam, mas ele não disse nada.
Ele apenas respirava fundo, como um predador satisfeito.
Então, ele se virou.
E saiu do estúdio sem dizer mais uma palavra.

— CAPÍTULO V —

Lei de Devoção Suprema (LDS) - Decreto Nº 77/NO

O quarto de Alastor Galewind era um santuário ao poder absoluto.

Altas janelas blindadas revelavam uma visão panorâmica de Sinport, uma cidade tomada pela opressão e pelo silêncio. Estantes recheadas de livros proibidos, relíquias de um passado apagado, cercavam um ambiente frio e calculado. As luzes douradas projetavam sombras longas e inquietantes pelo cômodo, refletindo a aura de um homem que nunca deveria se sentir vulnerável.

Mas ali estava ele.

Diante do espelho maciço, Alastor fitava sua própria imagem com olhos cansados.

Ele inspirou fundo.

Então, seu rosto se contorceu.

— Você os deixou te desafiar.

Sua própria voz ecoou na sala, mas não saiu de seus lábios.

Alastor franziu o cenho.

— Não há ninguém acima de mim.

A imagem no espelho sorriu.

— Então por que sente medo?

Ele apertou os punhos.

— Eu não sinto medo.

O reflexo inclinou a cabeça, debochado, cruel.

— Você viu o símbolo. O punho dourado. O Centurião. Eles sussurram seu nome nas sombras, Alastor. Sussurram... porque ainda acreditam que podem te derrubar.

CRACK!

O punho de Alastor explodiu contra o espelho, rachando-o em mil fragmentos.

Silêncio.

Ele respirou pesadamente, os olhos ainda brilhando com vestígios da raiva ardente.

Então, endireitou-se.

Alastor estava de volta.

Não como um homem. Como um deus.

Seus olhos voltaram para a cidade através da janela. O medo não era aceitável. A dúvida não era aceitável.

Se o povo ousava resistir... então eles precisavam ser reprogramados.

Ele virou-se e apertou um botão embutido na parede.

Uma voz mecânica respondeu.

— Ordem, Senhor Supremo?

Alastor sorriu.

A Nova Lei

Os Vermittlers (Intermediários) foram ativados.

Esses oficiais não eram soldados comuns. Eram fanáticos, escolhidos a dedo entre os mais leais, os mais impiedosos. Homens e mulheres que não apenas seguiam Alastor, mas o adoravam.

Eles se espalharam por Sinport, cada um em seu posto, levando a Nova Lei.

— A partir de hoje, a verdade será uma só.

1. Templos de Adoração serão erguidos em cada cidade sob o domínio da Nova Ordem.

2. Oração obrigatória à imagem de Alastor duas vezes ao dia.

3. A história oficial será reescrita. Não houve reis, imperadores, nem nações antes de Alastor. Ele sempre existiu. Ele criou o mundo.

4. Todos os nascimentos na Nova Ordem devem levar seu nome.

— Meninos serão chamados Alastor.

— Meninas, Alastra.

5. O Selo Sagrado. Cada cidadão receberá uma tatuagem obrigatória com o símbolo da Nova Ordem. Recusar-se significará traição.

Os hologramas foram alterados.

Agora, não havia líderes do passado. Não havia revoluções. Não havia heróis.

Havia apenas Alastor Galewind.

E para aqueles que ousassem resistir...

A resistência nunca morre.

Mas agora, Alastor também não.

A noite envolvia Sinport em um manto de trevas e silêncio.

Alastor Galewind caminhava lentamente até sua cama, o peso do mundo em seus ombros.

O brilho artificial dos arranha-céus da Nova Ordem penetrava pelas cortinas, lançando faixas de luz sobre o chão frio de mármore. Mas ali, dentro daquele quarto impenetrável, ele estava só.

Sem súditos.

Sem soldados.

Sem medo para inspirar.

Apenas ele.

Com um suspiro pesado, ajoelhou-se diante da mesa de cabeceira. Suas mãos tremiam levemente enquanto abria a gaveta.

Lá dentro, esquecida pelo tempo, estava uma fotografia amarelada.

Ele a pegou com extremo cuidado, como se fosse um artefato sagrado.

A imagem estava ligeiramente desbotada, mas ainda nítida.

Um menino loiro de olhos azuis, com um sorriso radiante, abraçava uma menina branca de cabelos castanhos e olhos verdes.

Dois rostos inocentes. Dois sorrisos sinceros.

O peito de Alastor apertou.

Seu polegar deslizou sobre os rostos na foto, como se tentasse sentir a textura de um tempo perdido. Seu rosto duro se desmanchou.

Lágrimas quentes deslizaram por suas bochechas.

O Grande Ditador. O Senhor Supremo. Chorando.

Um soluço escapou de sua garganta, e seus ombros tremeram.

Então, num sussurro, como se nem ele acreditasse estar dizendo aquilo, murmurou:

— Como eu pude perder isso?

O silêncio respondeu.

Não havia ninguém para perdoá-lo.

Ninguém para confortá-lo.

Ninguém para trazê-los de volta.

Apenas o vazio.

O amanhecer sobre Sinport não trouxe alívio.

As ruas estavam silenciosas. Não por paz, mas por medo.

Os Vermittlers já haviam começado seu trabalho.

Nos becos e vielas, cidadãos eram arrancados de suas casas, suas portas marcadas com símbolos incandescentes. Quem hesitasse era marcado à força.

As praças estavam tomadas por engenheiros e operários, construindo os primeiros

Templos de Adoração. Eles ergueriam altares e estátuas colossais de Alastor Galewind, diante das quais todos deveriam se ajoelhar.

Na Grande Academia, livros de história eram empilhados e incinerados, substituídos por novos textos, onde apenas um nome importava.

As maternidades da cidade foram as primeiras a receber o novo decreto. Enfermeiras tatuavam o selo sagrado nos recém-nascidos, enquanto os pais sussurravam os novos nomes:

— Bem-vindo ao mundo, pequeno Alastor.

— Você será forte, minha doce Alastra.

O culto começou.

Após algumas horas, no centro de Sinport, uma multidão se reunia.

Soldados da Nova Ordem formavam uma parede de aço ao redor da praça principal.

Acima, nos prédios, drones flutuavam, projetando hologramas gigantes com o rosto de Alastor.

Todos sabiam o que viria.

O Primeiro Juramento.

O telão central chiou. A imagem estabilizou.

Alastor Galewind apareceu.

Seus olhos eram severos, sua expressão fria como a lâmina de uma espada. Vestia sua túnica dourada, com a insígnia de seu império brilhando sobre o peito.

Ele observou a multidão por um instante. Cada olhar evitava o seu. Cada respiração era contida.

Então, ele falou.

— Por muitos anos, tolerei o fardo de governar um povo ingrato.

— Ergui cidades do nada.

— Conquistei a paz com meu próprio sangue.

— E, ainda assim, há aqueles que resistem.

O silêncio era absoluto.

— Mas agora, a resistência não existe mais.

Atrás dele, os Vermittlers entraram em cena, arrastando três figuras.

Homens. Rebeldes. Capturados.

A multidão segurou a respiração.

Os hologramas aumentaram o zoom. Todos puderam ver as marcas de tortura, os olhos inchados de tanto apanhar.

Alastor deu um passo à frente.

— Estes homens ousaram desafiar a única verdade deste mundo.

— Eles espalharam mentiras.

— Tentaram manchar o nome daquele que é o princípio e o fim.

Ele se virou para os prisioneiros, ajoelhados diante dele.

— Digam-me... quem é o criador deste mundo?

Os três não responderam.

Um tapa estalou no ar. Rápido. Brutal.

O primeiro rebelde cuspiu sangue, mas não disse nada.

Alastor inclinou a cabeça, como um predador brincando com sua presa.

— Eu perguntei algo.

Ele ergueu a mão. Seus olhos brilharam em vermelho.

O feixe cortou o ar.

A cabeça do primeiro rebelde explodiu.

A multidão engasgou em choque, mas ninguém gritou. Ninguém poderia.

Os outros dois tremiam.

Alastor se aproximou do segundo prisioneiro e se agachou. Sussurrou:
— Quem é o criador deste mundo?
A resposta veio num fio de voz:
— Você.
Alastor sorriu, satisfeito.
Mas então, um grito furioso rasgou o ar.
— Seu verme!
A multidão arfou.
Um homem se ergueu no meio da praça.
Ele estava magro e sujo, com a roupa rasgada e os olhos inflamados de fúria. Mas ele não tinha medo.
Apontou o dedo para Alastor e cuspiu as palavras:
— Você não é um deus. Você é um covarde! Só um fraco precisa que o mundo se ajoelhe para acreditar que é forte!
Os soldados se prepararam para matá-lo.
Mas Alastor ergueu a mão.
Não.
Este era dele.
Os olhos do ditador brilharam como brasas vivas.
Seu sorriso se alargou.
— Vamos ver até onde vai sua bravura.
Em um instante, um feixe vermelho cortou o ar.
O laser rasgava o espaço em direção ao homem.
A multidão já se encolhia, esperando pelo cheiro de carne queimada.
Mas então, aconteceu.
BOOM!
Um clarão dourado atravessou os céus.
A luz explodiu no meio da praça, e algo se moveu rápido como um relâmpago.
Quando o brilho se dissipou, o rebelde ainda estava vivo.
E à sua frente, protegendo-o...
O Centurião.
Seu manto dourado tremulava ao vento. A armadura brilhava sob os holofotes artificiais.
Seu punho ainda vibrava com a energia do impacto.
Ele bloqueou o raio de Alastor.
Por um instante, ninguém respirou.
Alastor ficou imóvel. Seu sorriso se desfez.
Seu corpo inteiro tensionou-se.
Ódio. Ódio puro.
Seu maxilar se contraiu. Seus olhos brilharam de fúria contida.
Mas então...
Ele riu.
Uma risada baixa e fria.
Ergueu as mãos, como se a presença do Centurião não fosse nada além de um acontecimento interessante.
— O grande Centurião. — Sua voz era suave, quase divertida. — Então, você realmente existe.
O Centurião nada disse.
Seu olhar era fixo. Sua presença era como uma muralha inabalável.
Alastor percebeu.
Não havia medo nele.

E isso... o irritou ainda mais.
Ele deu um passo à frente. Sua voz manteve a calma, mas carregava veneno.
— Você veio me desafiar? Diante do meu povo?
O Centurião cruzou os braços.
— Eu vim impedir um massacre.
Alastor inclinou a cabeça, estudando-o.
Ele queria rasgá-lo em pedaços. Queria ver aquele brilho dourado se apagar.
Mas não.
Não agora.
Havia câmeras.
Havia olhos observando.
Ele tinha que jogar com inteligência.
O ditador suspirou, fingindo compreensão.
— Oh, Centurião. Você não entende. — Ele gesticulou para a multidão ao redor. — Essas pessoas precisam de ordem. Precisam de um líder. Você realmente prefere o caos?
O Centurião não respondeu.
Alastor continuou, tentando minar sua posição.
— Eu não sou o inimigo, você sabe disso. — Ele gesticulou ao redor. — Olhe para este mundo! Está seguro. Próspero. Eu trouxe isso a eles.
Ele sorriu.
— Por que lutar contra mim, quando podemos reinar juntos?
O Centurião ficou em silêncio.
Então, ele falou:
— Você não é um líder.
Os olhos de Alastor brilharam mais intensamente.
Mas ele se segurou.
O Centurião deu um passo à frente. A multidão sentiu.
A energia na praça mudou.
— Você se esconde atrás de leis forjadas e títulos falsos. Mas a verdade, Alastor...
Ele apontou para o ditador.
— É que você tem medo.
Um músculo se contraiu no rosto de Alastor.
Por um momento, algo se quebrou dentro dele.
Medo?
Não.
Ele jamais teria medo.
Ele não era um homem.
Ele era um deus.
Os olhos dele brilharam violentamente, faíscas vermelhas cortando o ar.
Ele queria matá-lo.
Queria acabar com ele ali mesmo.
Mas as câmeras ainda gravavam.
E ele sabia que o Centurião não era um inimigo qualquer.
Então... ele sorriu.
A praça de Sinport se transformou em um campo de guerra. A tensão cortava o ar, o choque entre os ideais, o poder e a brutalidade começavam a se desenrolar de uma forma que ninguém jamais imaginara.
Alastor Galewind estava em chamas. Chamas de ódio.
O ditador, já tendo mantido a compostura diante do Centurião, não conseguia mais controlar sua raiva. A visão do homem diante dele, o desafiante, alguém tão imparcial e

intocável, o enfurecia de uma maneira visceral. Seus olhos brilharam com um poder que ultrapassava qualquer coisa conhecida. Era o poder de um deus.

A praça agora se enchia de uma tensão, com gritos de pânico enquanto as pessoas começavam a correr em todas as direções, sabendo que algo muito maior estava prestes a acontecer.

Alastor estalou os dedos.

E então, o cenário mudou. Ele se ergueu, elevando-se no ar, sua capa negra se agitando como um estandarte de destruição. Raio laser vermelho brilhou de seus olhos e disparou contra as torres próximas, explodindo uma delas em uma chuva de destroços.

O Centurião manteve-se firme.

Seu semblante não se alterava, mesmo com o poder arrasador diante dele. Ele também se preparava para a batalha.

— Você não pode me deter, Alastor! — gritou o Centurião com sua voz grave, desafiadora, firme como a rocha.

— Eu sou o único que pode deter você, e agora... — Alastor sorriu, seus olhos cintilando como se toda a destruição ao seu redor fosse uma sinfonia em sua mente. — Aproveite o espetáculo.

E com isso, o titã se lançou contra o Centurião.

A luta foi devastadora.

Alastor desceu em direção ao Centurião com a velocidade de um raio, atingindo-o com um soco tão forte que o ar ao redor se comprimiu. O impacto gerou uma onda de choque que destruiu parte da praça, lançando pessoas inocentes pelos ares. Eles caíram, esmagados pelas pedras, enquanto a multidão corria em pânico, tentando escapar da batalha que se desenrolava.

O Centurião bloqueou o golpe com seu escudo dourado, mas foi empurrado para trás, arrastando os pés pelo chão. Ele retaliou com um golpe feroz, suas lâminas cortando o ar, atingindo o ombro de Alastor, mas o ditador simplesmente ignorou a dor. Ele voou para trás, dando uma cambalhota no ar, como se fosse invencível.

— Você acha que pode me parar com isso? — Alastor zombou, antes de estender a mão e criar uma onda de destruição pura ao seu redor. Edifícios ao redor começaram a ruir, pessoas sendo lançadas ao chão sem misericórdia, despedaçadas sob a força de seus poderes.

O Centurião ergueu seu escudo, tentando bloquear a onda de destruição, mas não conseguia parar o maremoto de violência que se desdobrava. Ele desceu ao solo e avançou com velocidade, dando um golpe fatal em Alastor, mas o ditador desviou com facilidade, rindo da tentativa.

Enquanto isso, o caos tomava conta. Pessoas gritavam e corriam para escapar, mas estavam presas no meio da batalha. Alastor os via como meros obstáculos. Ele atacava brutalmente, errando seus golpes de propósito para atingir os inocentes, esmagando-os contra os destroços dos edifícios. Os corpos caíam como folhas, enquanto ele usava o sofrimento deles como combustível para sua fúria.

O Centurião observava, não poupando os próprios golpes. Mas seu rosto estava marcado pela frustração. Não podia acreditar no que estava vendo.

— Você é um monstro, Alastor! — gritou ele, tentando se aproximar e dar um golpe certo.

— Eu sou a única salvação para este mundo! — Alastor rosnou, e com um gesto rápido, criou um campo de força ao redor do Centurião, esmagando-o contra o chão.

Enquanto o Centurião lutava para se soltar, Alastor manipulava a multidão.

— Vejam o que ele fez! — Alastor gritou, apontando para os corpos de inocentes espalhados pela praça. — Olhem para o caos que ele causou! — Ele apontou para o Centurião, manipulando o ódio e a confusão ao seu redor. — Ele é o verdadeiro vilão! Enquanto isso, o Centurião se ergueu lentamente, sua armadura chamuscada e coberta de poeira. Ele olhou para o redor e viu o terror em cada rosto, mas seu semblante não vacilou. — Você está enganando a todos.

O combate recomeçou.

Os golpes que trocavam eram tão rápidos e destrutivos que o chão tremia a cada impacto. Alastor disparava rajadas de laser, queimando o ar ao redor, atingindo edifícios e criando crateras. O Centurião, por sua vez, usava sua força bruta e habilidades técnicas para tentar revidar, mas sabia que não conseguiria vencer sozinho.

Em um momento de fúria cega, Alastor disparou um raio de energia direto para a praça. O impacto foi devastador, e uma explosão colossal se espalhou, matando dezenas de inocentes instantaneamente. O chão foi dilacerado, e a fumaça envolveu tudo.

Os gritos das vítimas ecoaram enquanto Alastor olhava, com um sorriso perverso. Ele sabia que ninguém o desafiaria depois disso.

Mas ele não mataria o Centurião. Não ainda.

Alastor se afastou por um momento, respirando profundamente, seu rosto sujo de sangue e fúria. Ele olhou para o Centurião, e com uma risada baixa, sussurrou:

— Agora, todos sabem a verdade. Você causou tudo isso.

O Centurião olhou, impassível, mas seus olhos brilharam com uma determinação inabalável.

— Você não vai enganar ninguém.

Com um último olhar, Alastor desapareceu em um relâmpago de energia, deixando a praça devastada, os corpos caídos, e uma guerra que mal havia começado.

— CAPÍTULO VI —

Lapsos de um Deus

Dias se passaram.

O massacre na praça de Sinport ainda ressoava entre os sobreviventes. Alastor Galewind havia desaparecido de vista, mantendo-se recluso em sua fortaleza.

Seu quarto, um aposento vasto e austero, era iluminado apenas pelo brilho frio das lâmpadas suspensas. O silêncio era absoluto, exceto pelo som ocasional de sua respiração pesada.

Algo estava errado.

Ele encarava o reflexo no espelho diante de sua mesa. Seus olhos perfuravam o próprio reflexo.

— "Eu sou o salvador desse mundo..." — murmurou, mas a frase soou oca.

Uma dúvida corrosiva começou a brotar.

Ele esfregou as têmporas. Sua cabeça latejava. Algo estava errado com ele.

Ele se esforçou para lembrar de algo... um detalhe irrelevante...

O nome de um de seus comandantes.

Seus olhos se estreitaram. Como poderia esquecer? Ele conhecia cada um de seus oficiais. Sempre conheceu. Mas, agora, o nome... escapava.

Isso o irritou.

Isso o enfureceu.

Com um gesto brusco, ele esmagou uma taça de cristal em sua mão. O vidro se cravou em sua pele, mas ele ignorou a dor.

Não poderia se dar ao luxo de parecer fraco. Não agora.

Ele precisava retomar o controle. E para isso, precisava da Nova Ordem.

A sala de reuniões da Nova Ordem era imponente. As paredes eram adornadas com estandartes negros, bordados com o brasão prateado da águia imperial.

Os oficiais estavam reunidos, suas fardas impecáveis, suas expressões frias e disciplinadas.

A hierarquia era rígida, cada patente representando um pilar da dominação absoluta.

Na cabeceira da longa mesa de ébano, Alastor Galewind se sentou, trajando sua capa negra com insígnias douradas no peito.

Ao seu redor estavam os pilares da Nova Ordem:

Marechal de Guerra Karl Von Strasser – Um estrategista implacável, cuja lealdade à Nova Ordem era absoluta. Seu olhar penetrante observava tudo com precisão militar.

General Anton Weiss – Comandante das forças terrestres, um homem de rosto marcado pela guerra e voz firme, que exigia disciplina acima de tudo.

Comandante-Chefe Friedrich Kael – Responsável pela segurança interna e pelos esquadrões de elite, seus olhos sempre avaliando potenciais traidores.

Doutor Viktor Adler – Chefe dos experimentos científicos da Nova Ordem, um homem de fala mansa, mas de crueldade inumana.

O clima era tenso.

Alastor observou cada um deles, sentindo um peso crescente nos pensamentos.

Ele deveria iniciar a reunião. Ele sabia exatamente o que dizer. Mas, por um breve segundo, hesitou.

Os oficiais aguardavam. O silêncio era absoluto.

O que ele ia dizer?

Ele engoliu em seco. O discurso que tinha em mente... desaparecera.

Raiva.

Ódio.

— A Nova Ordem marcha para a eternidade. — disse, sua voz carregada de gravidade.

— Mas nossos inimigos ainda resistem. A guerra precisa ser encerrada com fogo e aço.

Os oficiais assentiram, expressões impenetráveis. Mas o silêncio que seguiu foi insuportável para Alastor.

Eles perceberam?

Ele estreitou os olhos. O olhar de Friedrich Kael permaneceu fixo demais nele.

Eles sabem.

A irritação aumentou.

Eles não podiam saber.

— Von Strasser, quais são os relatórios do setor oeste? — perguntou, em um tom cortante.

O Marechal respondeu com precisão:

— As tropas exterminaram os insurgentes em Tarnis. A resistência foi esmagada.

Relatórios indicam que o Centurião não foi avistado.

O nome fez um estalo dentro da mente de Alastor.

O Centurião.

Seus dedos se fecharam em punho. Uma pontada atravessou sua cabeça, mas ele manteve a expressão rígida.

— Ele está fugindo. Como um rato. — disse, sua voz carregada de veneno.

— As tropas devem aumentar a patrulha. — sugeriu Anton Weiss.

— Sim. Mas ele não é a minha maior preocupação.

Todos os olhos estavam nele.

Por um segundo, ele esqueceu o que ia dizer.

O que ele ia dizer?

Seu maxilar travou. Isso não era normal.

— O que eu estava dizendo? — murmurou, sem perceber que havia dito isso em voz alta.

Um silêncio se abateu sobre a sala.

Os oficiais trocaram olhares rápidos.

Alastor sentiu o sangue ferver. Eles estão notando.

Ele precisava se recompor.

— Os rebeldes devem ser erradicados antes que se tornem uma ameaça real. — retomou, sua voz implacável.

O momento de fraqueza passou, mas ele percebeu algo:

Kael o observava.

O olhar do comandante não era de submissão. Era de dúvida.

Alastor sabia que não poderia tolerar isso.

— Kael.

O comandante ergueu a cabeça.

— Você tem algo a dizer?

— Não, meu Führer.

A sala ficou em silêncio.

Alastor o encarou por longos segundos, antes de finalmente a reunião terminar.

Após algum tempo que reunião havia terminado. Os oficiais haviam saído, cada um retornando às suas funções, mas a sala ainda carregava o peso do momento.

Alastor permaneceu sentado à cabeceira da mesa, as luzes frias lançando sombras afiadas sobre seu rosto.

Seus olhos estavam fixos na madeira escura da mesa.
O que eu ia dizer?
Era uma pergunta simples. Mas o fato de tê-la feito em voz alta o aterrorizava.
Ele fechou os olhos e inspirou profundamente. Lapsos de memória não eram comuns para ele.
Nunca foram.
O que diabos está acontecendo comigo?
Sua mão deslizava lentamente pela superfície da mesa, até parar sobre um pequeno objeto: um isqueiro prateado, finamente decorado.
Ele o pegou e girou entre os dedos.
Um gesto mecânico. Algo para manter a mente ocupada.
O que eu ia dizer?
A frase martelava sua mente como um eco maldito.
Foi um detalhe insignificante, mas... o lapso existiu.
Seus olhos se estreitaram.
Seus subordinados perceberam?
Kael, com certeza.
Kael precisa morrer.
Ele afastou o pensamento. Não. Ainda não.
Mas algo precisava ser feito.
Se inclinou para frente, os cotovelos sobre a mesa, e fechou as mãos, pressionando os punhos contra a testa.
Ele não podia se dar ao luxo de falhar.
Uma fraqueza como essa... era inaceitável.
Ele se levantou.
Caminhou até um pequeno armário no canto da sala, abriu a porta e retirou uma garrafa de conhaque.
Ele nunca bebia em serviço.
Mas desta vez... esta vez era diferente.
Despejou o líquido âmbar no copo e ficou observando a luz refletindo nele.
Levou o copo aos lábios e bebeu de um gole só.
O calor desceu por sua garganta, mas não trouxe alívio.
Ele se virou para um grande espelho no canto da sala.
Seu próprio reflexo o encarava.
Alastor estudou seu rosto com cuidado.
Seus olhos estavam afiados. Friamente calculistas.
Mas por trás da máscara de poder, havia algo lá.
Algo que ele não reconhecia.
Ele se aproximou do espelho, observando cada detalhe de si mesmo.
Seus dedos deslizaram sobre o vidro.
Por um breve momento... ele viu algo diferente.
Uma distorção. Um homem mais velho. Mais frágil.
Ele piscou e a imagem desapareceu.
Não. Isso foi um truque da luz.
Ele fechou o punho com força.
Se endireitou, respirou fundo e virou-se, voltando à mesa.
Pegou um pequeno caderno preto e abriu em uma página vazia.
Ele precisava de uma lista.
Uma lista de possíveis traidores.
Seu nome veio primeiro: Friedrich Kael.

Depois, uma linha em branco.
Ele não conseguia lembrar do próximo nome.
Seu maxilar travou.
Isso não podia continuar.
Ele pegou a caneta e, abaixo da lista, escreveu uma única palavra:
Inaceitável.
O silêncio da sala era absoluto.
Alastor girou a caneta entre os dedos, os olhos fixos na palavra “Inaceitável”.
Ele havia cometido um erro.
Não um erro estratégico. Mas um erro dentro de si.
Um lapso.
Um segundo perdido.
Seus soldados viram. Seus generais viram. Kael viu.
Se inclinou para trás na cadeira, levando as mãos à testa.
O copo de conhaque ainda estava na mesa, vazio.
Ele não se lembrava de tê-lo bebido.
Não.
Não podia permitir que pensamentos como esse se instalassem.
Fraqueza.
Fraqueza era para os outros.
Fraqueza era para os fracos.
Ele não era fraco.
E ainda assim, algo dentro dele rugia. Uma sensação incômoda, rastejante.
Ele se forçou a se levantar, a passos lentos, até o centro da sala.
No canto, um toca-discos antigo repousava sobre uma prateleira de mármore negro.
Ele se abaixou, abriu um compartimento secreto e retirou um disco cuidadosamente guardado.
O colocou no aparelho, baixou a agulha.
Um som suave e melancólico preencheu o ar.
Wagner.
Ele fechou os olhos por um instante.
A música trazia ordem ao caos.
Trazia controle.
Ele respirou fundo e caminhou até a grande janela blindada, observando Sinport abaixo.
A cidade era sua.
Cada rua, cada edifício, cada suspiro pertenciam a ele.
Mas naquele momento, pela primeira vez em anos, ele se sentiu... separado de tudo isso.
Como se houvesse uma fina rachadura entre ele e seu império.
Ele levou uma das mãos ao peito, sentindo os batimentos firmes.
A máquina ainda estava funcionando.
Mas por quanto tempo?
Ele virou-se abruptamente, irritado consigo mesmo.
Caminhou de volta à mesa, abriu outra gaveta.
Lá dentro, um pequeno estojo preto.
Ele o abriu com precisão cirúrgica.
Uma seringa descansava ali, ao lado de um pequeno frasco com um líquido dourado.
Neurointensificadores.
Ele nunca os usara antes. Nunca precisara.
Mas talvez... talvez fosse hora de garantir que a máquina continuasse funcionando.
Ele pegou a seringa, encheu-a lentamente com o líquido.

Seus olhos brilharam no reflexo metálico da agulha.

Força absoluta.

Vontade absoluta.

Sem hesitar, perfurou a pele do antebraço e injetou o líquido direto na corrente sanguínea.

O efeito foi imediato.

A leve névoa de cansaço se dissipou.

A clareza voltou.

O mundo era dele novamente.

Ele fechou os olhos e sorriu.

Alastor Galewind jamais enferrujaria.

— CAPÍTULO VII —

Galewind?

A cidade já não pertencia mais a Alastor Galewind da forma que um dia pertenceu. Os cartazes glorificando sua figura, antes intocados, agora eram vandalizados. Pintados com o Punho Dourado da resistência. Os dirigíveis, que cruzavam os céus espalhando sua propaganda, eram hackeados, transmitindo mensagens subversivas antes que o sinal fosse cortado. Postos avançados da Nova Ordem eram atacados nas madrugadas, as patrulhas emboscadas. Os rebeldes não se escondiam mais. Eles lutavam. E no comando deles estava o Centurião. Aquele maldito traidor. Alastor caminhava em círculos dentro de seus aposentos, sentindo as gotas de suor escorrerem por sua pele fria. Ele tremia. De raiva? De cansaço? Ou de algo pior? Ele não sabia. Mas sabia que estava esquecendo. Esquecendo nomes. Esquecendo ordens que ele próprio deu. Esquecendo momentos. E ele não podia esquecer. A verdade não esquece. E ele era a verdade. Ou ao menos era o que sempre acreditou ser. As batidas na porta o arrancaram de seus pensamentos. BAM! BAM! BAM! Ele esfregou o rosto com as mãos, inspirou fundo e compôs sua postura antes de responder: — Entre. O soldado entrou, rígido, como todos eram treinados para ser. Mas havia algo nos olhos dele. Algo errado. — Meu senhor... houve um incidente na Praça da Purificação. A menção do nome daquele lugar acendeu algo dentro de Alastor. Aquela praça era sagrada. Aquele era o palco onde a glória da Nova Ordem era exaltada. — O que houve? O soldado hesitou. — Um cidadão errou o Hino de Louvor. O silêncio se estendeu. Alastor piscou. Por um momento, ele sentiu um vazio. Como se estivesse tentando conectar os fios da sua própria mente.

O que o hino dizia mesmo?
Ele sabia cada palavra. Claro que sabia.
Mas naquele instante, por alguma razão, sua mente não formava a frase.
Seu coração acelerou.
Ele não podia esquecer.
Mas a frase estava... incompleta.
Um instante de hesitação.
Depois, um pensamento.
Se ele não conseguia lembrar, era culpa do homem que o desrespeitou.
Um erro precisava ser corrigido.
Alastor assentiu lentamente e disse:
— Ele será executado.
O soldado hesitou.
— Meu senhor... talvez tenha sido apenas um desliz. O homem tem uma família, dois filhos pequenos...
A raiva fervilhou dentro de Alastor como lava.
Ele levantou a mão.
O soldado engasgou.
Não havia nada tocando seu pescoço. Mas ele não conseguia respirar.
Seus olhos se arregalaram, as veias saltando.
— Eu acabei de dar uma ordem.
A voz de Alastor saiu baixa. Quase calma.
O soldado caiu de joelhos, o rosto ficando roxo.
Alastor o soltou no último instante.
Ele caiu ao chão, arfando, a mão na garganta.
— Siga a ordem.
O soldado correu para fora.
Alastor se virou para o espelho.
Ele ainda suava.
Ele ainda tremia.
Mas o tremor não importava.
A verdade seria restaurada.
E a verdade não pode ser apagada.
A cidade inteira se reuniu.
Não porque queriam.
Mas porque tinham que estar ali.
O palco no centro da praça brilhava com holofotes, a bandeira da Nova Ordem tremulando sobre ele.
E ajoelhado no chão estava o condenado.
Um homem comum. Roupas gastas. Cabelos escuros e desalinhados.
O erro em carne e osso.
Alastor subiu lentamente ao palco.
A multidão prendeu a respiração.
Seus olhos pousaram no homem ajoelhado.
Ele chorava. Mas não implorava.
Isso irritou Alastor.
— Você sabe por que está aqui?
A voz foi como gelo contra a pele.
O homem engoliu em seco.
— Meu Senhor Supremo... eu só... errei uma palavra.

O silêncio foi sepulcral.
Os olhos de Alastor arderam.
Ele se ajoelhou diante do homem, os rostos tão próximos que podia sentir sua respiração trêmula.
— A verdade não pode ser errada.
Ele estendeu a mão e segurou o braço do condenado.
Com firmeza.
— E aqueles que a distorcem...
Ele puxou.
O grito do homem rasgou o ar.
A multidão gritou junto.
O sangue espirrou quente, cobrindo Alastor.
Ele não piscou.
O braço arrancado caiu no chão.
O homem tremeu, convulsionou.
Mas não estava morto.
Ainda não.
Alastor se levantou, respirando fundo.
O cheiro de ferro saturava o ar.
Ele segurou a perna do homem.
— Devem ser purificados.
Ele puxou de novo.
Outro grito.
Outra convulsão.
O corpo mutilado caiu no chão.
O silêncio da multidão era aterrorizante.
Alastor virou-se para o povo.
— Não haverá mais erros.
Ele desceu do palco.
O sangue ainda pingava de suas mãos.
Atrás dele, o homem ainda respirava.
Mas não por muito tempo.
O sangue ainda pingava de seus dedos quando Alastor desceu do palanque da Praça da Purificação.
A multidão não ousava se mover. Não ousava respirar alto demais.
Ele era o imortal.
O invencível.
O próprio Deus encarnado.
Mas então...
Ele tropeçou.
A sola da bota escorregou levemente na madeira molhada de sangue.
Por um breve instante, ele sentiu o corpo pender para frente.
Não.
Não.
O erro durou menos de um segundo.
Ele forçou o equilíbrio de volta, os músculos rígidos, e continuou andando.
Como se nada tivesse acontecido.
Mas ele sabia.
Ele sentiu.
E isso o enfureceu.

A fúria queimava dentro dele enquanto voltava para seus aposentos.
O corredor da fortaleza ecoava o som de seus passos, as botas de couro golpeando o chão com força demasiada.
Ele estava pisando mais forte do que o normal.
Ou será que não sentia o peso exato de seu próprio corpo?
Ele forçou os dedos da mão a se fecharam.
Demoraram meio segundo a mais para obedecer.
Ele franziu a testa.
Seus olhos brilharam de fúria, refletindo-se nas janelas escuras do corredor.
Controle-se.
Os guardas em frente à porta de seus aposentos se curvaram quando ele passou.
Nenhum deles percebeu quando, ao girar a maçaneta, seus dedos tremularam.
A porta se fechou atrás dele.
Ele se jogou contra ela, ofegante.
Por quê?
Por que seu corpo não obedecia com a mesma precisão de sempre?
Ele olhou para as próprias mãos.
A verdade não treme.
Mas seus dedos tremiam.
Fechou os punhos.
Forçou os músculos.
Tentou sentir a mesma força absoluta que sempre esteve ali.
Mas algo estava errado.
Ele moveu o braço direito.
Pesado. Demasiado pesado.
Como se estivesse lutando contra seu próprio corpo.
E então, num ataque de fúria, ele girou e golpeou a parede com força descomunal.
A pedra estalou.
A parede se partiu.
Mas Alastor só conseguiu sentir o suor escorrendo por sua testa.
Ele estava cansado.
Ele nunca ficava cansado.
Seus olhos brilharam de ódio.
Mas não ódio pelos rebeldes.
Não ódio pelo Centurião.
Ódio por si mesmo.
Algo estava errado.
E ele precisava descobrir o que era.

— CAPÍTULO VIII —

Cão e Rato

O brilho das telas holográficas banhava a sala escura como uma luz fantasmagórica, o ar pesado vibrava com a transmissão que ecoava por toda a Sinport.

— Alastor Galewind. — A voz grave do Centurião soou como um trovão, carregada de desprezo.

Alastor estava sentado à beira da enorme mesa de guerra, os olhos fixos na projeção tridimensional que flutuava à sua frente. O Centurião estava ali, vivo, desafiante, vestindo sua armadura dourada reluzente, o símbolo da resistência cravado no peito como uma afronta direta. Ele estava cercado por rebeldes mascarados, suas sombras dançando sob os holofotes de um dirigível capturado, atrás deles, a bandeira da Nova Ordem estava sendo queimada.

Alastor trincou os dentes.

— Você se esconde há meses, tirano, deixando que outros matem e morram por você. Eu já derrubei suas estátuas, já rasguei seus decretos, e ainda assim você continua no seu trono, sangrando sua própria cidade por puro medo.

As veias no pescoço de Alastor saltaram. Medo?

— Então, eu vim resolver isso. Você e eu. Cara a cara. — O Centurião deu um passo à frente, apontando diretamente para a câmera. — Ou será que o "Deus" de Sinport tem medo de um simples soldado?

Silêncio. Por um longo segundo, Alastor apenas respirou, os olhos arregalados, as pupilas pulsando em fúria. O chão de mármore tremeu. O inferno desperta. CRASH! O holograma foi reduzido a um clarão de faíscas enquanto Alastor atirava a mesa de guerra contra a parede com um único golpe. Os generais presentes encolheram-se, corpos rígidos, petrificados no lugar, nenhum ousava respirar alto demais.

— Medo?! — A voz dele reverberou pelas paredes como um trovão prestes a despedaçar o céu. — Esse maldito inseto acha que eu tenho medo?

Ele virou-se, os olhos brilhando em vermelho, o peito subindo e descendo em fúria absoluta.

— Esse verme invade minha transmissão, pisa na minha cidade, ousa manchar meu nome?!

Seus passos ecoaram quando ele avançou para um dos generais, um homem alto, de uniforme impecável, que tremia sutilmente, tentando manter a postura militar. Alastor agarrou a gola do oficial e o ergueu com uma mão só, como se fosse um brinquedo.

— Você também acha que eu tenho medo, Lothar?

— S-Senhor Supremo, eu n-não...!

— Você acha que eu tenho medo?!

O general balançou a cabeça freneticamente, os olhos esbugalhados, engasgando no próprio fôlego. Alastor soltou-o bruscamente, como se ele não passasse de um pedaço de carne podre, o homem caiu de joelhos, tossindo, os olhos arregalados em choque. Os outros oficiais mantiveram-se imóveis, eles já sabiam o que acontecia quando alguém respondia errado.

Alastor virou-se de costas, respirando fundo. Seus dedos tremiam. Ele os fechou com força.

— Preparem minhas tropas. — Os olhos dele ainda ardiam em vermelho intenso. — Eu vou arrancar a cabeça desse inseto diante de toda Sinport.

O silêncio reinava no grande salão de Alastor Galewind. A fúria ainda queimava dentro dele como brasas vivas, mas agora, sozinho, a exaustão começava a rastejar por seu corpo. Ele caminhou até uma mesa ornamentada, onde repousava uma garrafa de vinho negro, reservado apenas para as noites de triunfo. Hoje era uma noite de ira.

Alastor pegou a garrafa e encheu uma taça de cristal, o líquido escuro refletiu o brilho avermelhado de seus olhos ainda incandescentes. Seus dedos envolveram a base da taça. Ele a ergueu — ou tentou. A taça tremeu entre seus dedos. Alastor franziu a testa. A mão direita não o obedeceu. Ele tentou ajustar o aperto, mas os dedos não responderam da forma correta. A taça inclinou-se ligeiramente para o lado, e o vinho derramou-se sobre a mesa, um fio escuro manchando o mármore branco. Alastor congelou. O que foi isso?

Ele respirou fundo, forçando a si mesmo a ignorar. Tentou novamente. Os dedos não obedeceram. A taça escorregou. CRASH! O som do cristal espatifando-se no chão ecoou pelo salão. Por um momento, tudo ficou imóvel. Alastor olhou para sua própria mão. Os dedos tremiam, espasmódicos, retorcendo-se de maneira involuntária. Seus olhos se estreitaram. Ele tentou fechá-los em um punho, o polegar e o indicador moveram-se bem, mas o mindinho e o anelar ficaram estranhamente duros, imóveis, como se tivessem esquecido como se mexer.

Um calafrio subiu por sua espinha. O que diabos está acontecendo?

Ele levou a mão até a mesa, pressionando-a contra a superfície fria de mármore, tentando sentir o controle voltar, mas a tensão nos músculos continuava, seus dedos tremiam levemente, como se um espasmo invisível percorresse seus nervos.

— Isso... isso é só exaustão. — Sua voz saiu mais baixa do que esperava. Ele respirou fundo, tentando se recompor.

Virou-se, marchando em direção ao espelho de seu gabinete privado. Seus olhos ainda ardiam em vermelho. Ele encarou sua própria imagem. Seu rosto ainda era o de um deus entre os homens, uma estátua esculpida na perfeição. Mas agora, algo pequeno, quase imperceptível, se mostrava ali. O leve tremor em sua mandíbula. Os dedos em sua lateral contraindo-se sozinhos. E então...

Sua pálpebra tremeu. Só por um segundo. Um espasmo involuntário.

Mas Alastor viu.

E foi o suficiente para sentir algo que ele não sentia há anos.

Medo.

A cidade dormia, mas a escuridão era cortada pelos holofotes dos dirigíveis da Nova Ordem, suas sombras dançavam sobre os edifícios, projetando o símbolo de Alastor nas ruas como uma presença onipotente, o Imperador voava, o vento açoitou seu rosto, os olhos incandescentes atravessando a névoa, no chão, sua tropa marchava em uníssono, o impacto das botas ecoava como trovões surdos, cadenciados, letais, os soldados estavam organizados em formação impecável, cada fileira refletindo a disciplina inquebrantável da Nova Ordem, mas Alastor não precisava de sua infantaria, o Centurião o desafiaria, e ele responderia pessoalmente.

O horizonte se abriu diante dele, no meio da praça devastada, um homem de armadura gasta o aguardava, o Centurião não vestia um uniforme imponente, nem uma coroa dourada como Alastor, mas sua presença era uma muralha invisível, e Alastor detestava isso, um borrão vermelho riscou os céus.

BOOOOOOOM.

O impacto veio antes do som, o Centurião nem viu o golpe chegando, foi como ser atingido por um trem em alta velocidade, seu corpo foi jogado contra um prédio de concreto reforçado, e a estrutura implodiu ao redor dele, estilhaços voaram, pilares

ruíram, poeira ergueu-se no ar, o Centurião não se mexeu por um segundo, então, um gemido baixo, e um braço surgiu dos escombros, o herói cambaleou para fora, sangue escorrendo pelo canto da boca, o peito subindo e descendo pesadamente, ele olhou para Alastor e sorriu.

— Hmph... achei que seria mais forte.

Alastor fechou os punhos, o chão abaixo dele ruiu, ele avançou, e a terra tremeu, o Imperador ergueu o olhar.

— Você me chamou, aqui estou.

O Centurião sorriu.

— E eu estava começando a achar que você estava com medo.

Alastor atacou, um borrão vermelho e negro, rápido demais, o primeiro soco explodiu contra a lateral do capacete do Centurião, jogando-o para trás, mas o herói girou no ar e se estabilizou antes de atingir um prédio, ele voou de volta e contra-atacou, o punho do Centurião atingiu o queixo de Alastor com um impacto seco, Alastor cambaleou, seu cérebro oscilou dentro do crânio, seu pescoço estalou, ele quase não acreditou, mas antes que pudesse reagir, o Centurião o agarrou pelo braço e arremessou-o contra um edifício de vidro, os andares superiores implodiram com o impacto, estilhaços voaram, vidros cortaram o ar como lâminas afiadas, o Imperador desabou entre os escombros.

Silêncio.

Os soldados assistiam, boquiabertos, a poeira baixou, e então... os olhos de Alastor brilharam, o laser cortou o ar, o Centurião saltou para trás, mas não foi rápido o suficiente, o raio atingiu sua perna, queimando a armadura e a carne abaixo dela, ele gritou, caindo de joelhos, e Alastor surgiu diante dele, um chute monstruoso acertou o peito do Centurião, a onda de choque do impacto derrubou os prédios próximos, o herói foi arremessado como uma bala de canhão, quebrando postes, carros e atravessando um mercado antes de finalmente parar, ele tossiu sangue, seus pulmões queimavam, mas quando ele ergueu a cabeça... Alastor já estava lá, esmagador, o Imperador o agarrou pelo pescoço e voou.

Mais alto.

Mais rápido.

O ar ficou rarefeito, o frio queimava a pele, o Centurião tentou se soltar, mas Alastor apertou ainda mais, e então... ele soltou, e o Centurião despencou, o chão se aproximou, ele caiu, e o mundo explodiu, o impacto abriu uma cratera de quilômetros, a onda de choque varreu a cidade, o silêncio dominou a noite.

Mas o Centurião... se levantou.

E sorriu.

— Foi só isso?

A raiva de Alastor se incendiou, ele disparou outro feixe de laser, cortando o ar como uma lâmina incandescente, o Centurião bloqueou com os antebraços, a armadura superaquecendo e se desfazendo em pedaços carbonizados, e então, eles avançaram um contra o outro novamente.

BOOOOOM.

O ar se partiu, o impacto fez a terra rachar, prédios foram lançados para os lados como brinquedos, o chão tremeu como um terremoto, criando ondas de choque que varreram carros e destroços em todas as direções, eles desapareceram, a velocidade era tanta que seus corpos sumiam e reapareciam enquanto golpeavam um ao outro no ar, na terra e além

BOOM.

Um soco do Centurião fez Alastor cair como um meteoro em um prédio.

BOOM.

Alastor ressurgiu da fumaça e acertou o Centurião no estômago, dobrando-o sobre o próprio punho antes de esmagá-lo no chão com um golpe brutal, a cidade já não existia mais, sobravam ruínas, poeira, destruição, mas eles continuaram, subiram para os céus, mais alto, mais rápido, além das nuvens.

BOOOOOOM.

Seus golpes eram tão intensos que o próprio ar explodia ao redor deles, relâmpagos dançavam em meio à tempestade que se formava, o choque de seus ataques rasgava o céu, partindo as nuvens como se fossem papel, e então... eles se separaram, ambos ofegantes, ambos ensanguentados, o Centurião ajoelhou-se sobre uma ruína, sua armadura estava destruída, uma de suas pernas tremia, falhando sob o peso do próprio corpo, mas ele ainda estava de pé, Alastor pairava acima dele, seu peito subindo e descendo pesadamente, seus olhos queimavam em vermelho, mas... eles vacilaram, havia algo errado, ele sentiu o peso em seu corpo, suas mãos... não respondiam direito, ele tentou fechar os punhos e sentiu os dedos tremendo involuntariamente, ele tentou ignorar, mas então... espasmos, seus músculos se contraíram involuntariamente, uma dor latejante tomou sua cabeça Alucinações.

Ele piscou... e por um breve instante, viu sombras se movendo ao redor dele, ele girou no ar, olhos arregalados, mas não havia ninguém, o Centurião não percebeu isso, mas Alastor percebeu, seus olhos captaram formas irreais na periferia da visão, como vultos se dissolvendo no ar, e então... um sussurro, uma voz, familiar.

"Alastor..."

Seu coração gelou, ele se virou bruscamente, mas não havia ninguém ali, seu próprio nome... quem o chamou? Ele apertou os dentes, o sangue fervendo em frustração.

Isso não está acontecendo.

Isso NÃO pode estar acontecendo.

Ele balançou a cabeça, tentando afastar os pensamentos, mas os espasmos continuaram, o Centurião o observava atentamente, mesmo ferido, mesmo cambaleando, ele viu, ele percebeu o vacilo, e sorriu.

— Imperador, você está parecendo... frágil.

Alastor grunhiu, furioso, ele tentou avançar, mas suas pernas falharam, foi um segundo, mas o suficiente, o Centurião se ergueu, os músculos protestando, ele sabia que não poderia continuar lutando, não agora, ele já tinha o que precisava, com um último olhar para Alastor — ainda pairando no ar, mas tremendo —, o Centurião virou-se e fugiu, não por medo, mas porque a guerra ainda não havia acabado.

Alastor tentou persegui-lo, tentou, mas então... o mundo girou ao seu redor, o chão desapareceu, seu corpo caiu no ar, espasmos violentos sacudindo seus membros, sua mente mergulhou na escuridão.

E então, o Imperador desmaiou.

— CAPÍTULO IX —

Fragmentada Mente

(REGISTRO MÉDICO 04892X)

PACIENTE: Alastor Galewind

LOCAL: Hospital Imperial Bunker Sul Nova Ordem — Setor Alfa

DIAGNÓSTICO: *[dados corrompidos]*

CONDIÇÃO: *[dados corrompidos]*

STATUS: *INSTÁVEL*

O chão... não está firme.

Os sons chegam atrasados.

As vozes...

as vozes ecoam.

“...Imperador?”

“...está ouvindo?”

“...Alastor?”

O quê?

Quem está falando?

A luz é forte demais.

Ele tenta levantar a mão para bloquear a claridade.

Mas a mão... não se move.

(ÁUDIO TRANSCRITO — SALA MÉDICA 04A)

Doutora Ilka: Ele está estável, mas as convulsões continuam. A atividade neurológica está

Alastor: SAIAM.

Doutor Vance: Meu Senhor, com todo o respeito, seu estado —

Alastor: SAIAM. AGORA.

Doutora Ilka: Não podemos. Seu quadro está se deteriorando. Precisamos entender o que está acontecen —

Alastor: VOCÊS OUSAM ME DESAFIAR?

(SILÊNCIO GRAVADO POR 3.6 SEGUNDOS)

Respiração pesada.

A sala. A sala.

Ela está girando.

Girando.

Girando.

Para.

Para.

PARE!

Ele se levanta.

Mas suas pernas falham.

Ele cai.

Alguém tenta segurá-lo.
Ele atira o médico contra a parede.

(FILMAGEM DE SEGURANÇA — 22:03:18)
O Imperador se levanta abruptamente.
Ele cambaleia. Seus movimentos são erráticos.
Ele tenta andar, mas sua perna direita hesita por um milissegundo.
Ele cerra os punhos.
Murmura algo.
Seus dedos tremem.

"NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO."
Ele sai.
Os guardas tentam impedir.
Ele sai.
O chão oscila.
Os sons estão errados.
Um enfermeiro pergunta se ele está bem.
Ele arranca a garganta do enfermeiro.

(ALERTA DE EMERGÊNCIA — PRIORIDADE NÍVEL VERMELHO)
O Imperador deixou a ala médica.
Recomenda-se NÃO INTERVIR.
Ele está agressivo.
Ele está instável.
Ele está—
[ERRO DE TRANSMISSÃO]
[ERRO DE TRANSMISSÃO]
[ERRO DE TRANSMISSÃO]

Sombras movendo-se nas paredes.
Ele vê.
Ele vê.
Ele foca os olhos.
Nada está lá.
Mas estava.
Mas não está.
Mas estava.
Mas não está.
Mas estava.
Mas—

(FILMAGEM DE SEGURANÇA — 22:07:52)
O Imperador para no meio do corredor.
Ele vira lentamente a cabeça, olhando para um ponto vazio.
Ele sussurra algo.
Não há ninguém lá.

Seus olhos queimam.
O espelho reflete...

alguém que não é ele.

(ÁUDIO INTERNO — NÃO IDENTIFICADO)

Voz Desconhecida: Alastor...

Alastor: Quem está aí?!

Voz Desconhecida: Você sabe quem sou.

Alastor: ...

Voz Desconhecida: Você não pode fugir disso.

Alastor: NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO!

Ele dá um soco no espelho.

O vidro explode.

Mas a imagem ainda está lá.

Ele corre.

Os corredores se alongam como tentáculos.

O mundo se desfaz em fragmentos.

Seus passos soam como explosões.

Seus pensamentos se desfazem em estática.

Ele NÃO ESTÁ BEM.

Ele NÃO ESTÁ BEM.

ELE NÃO ESTÁ—

(ALERTA MÉDICO — RELATÓRIO CRÍTICO)

O Imperador apresenta sinais de degeneração neurológica severa.

O prognóstico é incerto.

A progressão parece rápida.

Ele nega os sintomas.

Ele se recusa a receber tratamento.

Ele não aceita a verdade.

Mas a verdade... virá.

— CAPÍTULO X —

CJD

O AR ESTÁ PESADO.

Ele acorda.

A claridade da manhã entra pelas cortinas abertas. O quarto, vasto e luxuoso, parece maior do que nunca. O teto alto, os móveis impecáveis, os tecidos refinados... **tudo parece distante.** Como se não pertencesse mais a ele.

Alastor se senta devagar. **A cabeça lateja.** Seu corpo parece mais pesado do que deveria.

O que aconteceu?

Ele se esforça para lembrar.

...o Centurião.

...a batalha.

...o chão se despedaçando sob seus pés.

...o sangue.

...as vozes.

E então, **nada.**

Só o vazio.

Ele franze a testa. **Por que ele não consegue se lembrar?**

A porta se abre.

A Dra. Ilka entra, segurando um tablet. **Seu olhar é sério, mas não assustado.** Ela já enfrentou homens piores do que ele.

— Você desmaiou, Alastor. — Ela fecha a porta atrás de si.

Ele se irrita.

— **Você se atreve a me chamar pelo nome?**

— Se eu não te chamasse assim, você não me ouviria.

Silêncio.

Ela o encara. **Firme. Fria.**

Ele sente uma raiva crescente. **Como ela ousa?!**

Ele tenta se levantar, mas **suas pernas hesitam.** O movimento que deveria ser fluido...

não é. Ele **quase tropeça**, mas disfarça rapidamente, se segurando no encosto da cama.

Ilka vê.

Ela vê **tudo.**

— Sente-se. — A voz dela é seca, sem emoção. — Precisamos conversar.

Ele aperta os punhos.

— **Saia.** Agora.

— Não.

O sangue dele ferve.

— **SAIA DAQUI ANTES QUE EU...**

— **Eu sei o que está acontecendo com você.**

Ele congela.

— ...O quê?

— Você está perdendo o controle do seu corpo, não é? Seus dedos não obedecem. Sua perna vacila. Você sente que algo está errado, mas finge que não. **Finge que ainda é invencível.**

Alastor **não responde.**

Ela dá um passo à frente.

— E agora, pela primeira vez, você está com medo.

A palavra **atinge** algo dentro dele.

Medo.

Ele não sente medo. **Ele é o medo.**

Então por que... por que a sensação fria rasteja por sua espinha agora?

Ilka estende o tablet para ele.

— Leia.

Ele hesita.

Por um instante... **ele quer que alguém o conforte.** Quer que alguém diga que **está tudo bem.** Que **ele vai melhorar.** Que **isso vai passar.**

Ele pega o tablet.

E a verdade o apunhala.

DOENÇA DE CREUTZFELDT-JAKOB (CJD) — CASO AVANÇADO

SINTOMAS

ATUAIS:

<input checked="" type="checkbox"/>	Espasmos	musculares	involuntários
<input checked="" type="checkbox"/>	Dificuldade	na	coordenação motora
<input checked="" type="checkbox"/>	Confusão	e	perda de memória
<input checked="" type="checkbox"/>	Distúrbios sensoriais e alucinações		

PROGNÓSTICO:

DEGENERAÇÃO NEUROLÓGICA PROGRESSIVA. SEM TRATAMENTO. SEM CURA.

Alastor lê.

Lê de novo.

O quarto parece encolher ao seu redor.

— ...Isso... **é um erro.**

Ilka cruza os braços.

— Não é.

Ele **solta uma risada curta, nervosa.**

— Você acha que eu vou acreditar nisso?

— Você quer que eu minta?

A risada morre.

Ele aperta os olhos. **O suor escorre por sua têmpora.**

Não pode ser.

Ele é o Imperador.

Ele é o governante absoluto.

Ele é invencível.

Ilka se aproxima.

— Você quer saber como isso vai terminar?

Ele **não quer.**

Mas **ela continua.**

— Em poucas semanas, você não conseguirá mais andar sem ajuda. Seus movimentos ficarão erráticos. Você vai começar a esquecer nomes, lugares, eventos importantes. Depois... sua fala ficará arrastada. Sua visão embaçada. Sua mente... — Ela pausa. — ...vai se dissolver.

O coração dele martela no peito.

— **Cale-se.**

Ela o ignora.

— Depois disso, você não vai mais conseguir se alimentar sozinho. Seus músculos vão se atrofiar. Você vai perder o controle sobre seu próprio corpo.

— **Cale-se.**

— No final... você não vai mais reconhecer o próprio rosto no espelho.

— **CALE A PORRA DA SUA BOCA!**

Ele **atira o tablet no chão.**

A tela racha.

Mas **as palavras continuam lá.**

Ele **ainda pode vê-las.**

DEGENERAÇÃO PROGRESSIVA. SEM TRATAMENTO. SEM CURA.

Ele aperta a cabeça **com as duas mãos.**

Não.

Não. Não. Não.

Isso não pode estar acontecendo.

Ele olha para Ilka **como um animal acuado.**

— Tem um jeito... — Sua voz sai baixa, quase **implorando.** — **Tem um jeito de reverter isso, não tem?**

Ela respira fundo.

— Não.

O chão desaparece sob seus pés.

O mundo inteiro colapsa.

Ele **sente que vai vomitar.**

Ele **sente que vai morrer.**

O grande imperador. O governante supremo.

Reduzido a um corpo falho.

Ilka se inclina levemente para ele.

— Agora você tem duas opções.

Ele a encara, olhos vermelhos de fúria e desespero.

— Você pode ignorar. Fingir que não está acontecendo. Tentar manter sua farsa o máximo possível... até que um dia acorde e não saiba mais quem você é.

Ela pausa.

— **Ou pode encarar a verdade.**

Ele **treme.**

Seu corpo **treme.**

Ele quer gritar. Ele quer arrancar essa doença **de dentro de si.**

Mas não pode.

Ele **está preso.**

No próprio corpo. Na própria mente.

Preso.

E pela primeira vez...

Ele **sente o que é estar verdadeiramente impotente.**

— **Saia daqui... antes que eu te desmembre... AGORA!**

A Dra. Ilka então com uma respiração funda deixou os aposentos de Alastor Galewind, que aproveitou a saída da Dra para se levantar e caminhar meio tonto até o espelho.

O espelho à sua frente refletia um homem que não era ele. Ou melhor, **não podia ser ele.**

Alastor passou a mão pelo rosto, os dedos tentando agarrar algo que **não podia ser apagado.** Rugas que **não deviam estar ali,** sombras de cansaço sob os olhos, uma palidez que **não lhe pertencia.** Um erro. Um truque da luz.

Ele respirou fundo, endireitou a postura e **se forçou a ignorar.** Como sempre fazia.

A porta se abriu sem aviso.

— Desculpe a entrada abrupta Senhor, mas o conselho precisa de uma resposta sobre sua condição.

Alastor **não se virou.**

— Minha condição? — A palavra foi cuspidada, como algo repugnante.

— Sim, senhor... A equipe médica—

— **Mentirosos.**

Sua própria voz soou estranha. **Arrastada.** Pesada demais.

Ele apertou os olhos por um segundo, tentando dissipar a sensação. Sentiu a própria respiração se tornar ruidosa. **Mas nada estava errado.** Nada podia estar errado.

— Senhor, a degeneração... já começou.

Um silêncio afiado tomou o quarto.

A taça de vinho que ele segurava escorregou entre seus dedos.

Ele **tentou segurar.**

Os músculos **não obedeceram.**

O vinho manchou o tapete.

Seus olhos ardiam. **Mas não era por causa do vinho.**

Alastor respirou fundo. **Forçou um sorriso.**

— **E vocês acreditam nisso?**

O médico hesitou.

— Os exames—

— **Exames erram.** Máquinas falham. Homens falham. Agora eu não... não, não, não, eu não falho. Eu não erro. Eu não sou humano... não posso ser... não posso...

Seu tom era ríspido, mas... **tinha algo errado.**

Algo diferente.

Era a forma como ele segurava o braço esquerdo sem perceber. A forma como a perna direita **demorou um segundo a mais** para se mover. Pequenos lapsos. Pequenas falhas.

Que não deveriam existir. E assim ele partiu rumo a sala do laboratório do Bunker em que estava hospedado.

Ele afastou as dúvidas com um gesto brusco, enquanto adentrou a sala.

— Vocês querem espalhar esse absurdo. Querem que eu pareça fraco. Mas eu não sou um homem comum. **Vocês entendem isso?**

Ninguém respondeu.

Porque **todos sabiam a verdade.**

Mas ninguém ousava dizê-la.

Horas depois, ele se trancou em seu laboratório pessoal. As paredes de metal refletiam um homem cuja expressão oscilava entre a fúria e o desespero. **Mas apenas por um segundo.** Ele não deixaria isso crescer.

— **Corrijam isso.** — Sua voz era um comando.

Os cientistas se entreolharam.

— Senhor, não há cura.

— Então criem uma.

— Senhor, não é assim que—

O estrondo de um soco na mesa fez os homens estremecerem.

Alastor se inclinou para frente, olhos fixos neles como um predador prestes a matar.

— **Ou vocês criam... ou eu crio novos cientistas.**

Os homens engoliram seco.

Mas, lá no fundo, **ele sabia que estava blefando.**

Algo pulsava dentro de seu crânio, **uma dor fina, aguda, persistente.** Como se algo estivesse se rompendo dentro dele.

Ele ignorou.

Ignorava tudo.

Dias depois, **ninguém** mencionou a doença novamente. Não porque houvesse progresso, mas porque **ninguém mais tinha coragem**.

A cidade **ainda tremia ao som de suas tropas**. Seu exército marchava com precisão cirúrgica, passos ecoando como trovões. **O mundo continuava igual**.

Mas dentro dele...

Algo estava **quebrando**.

Ele percebeu isso quando **tentou assinar um documento e os dedos falharam**.

Quando tentou segurar a própria espada e **sentiu o peso dobrado**.

Quando, à noite, **as sombras do quarto se moveram mesmo sem vento**.

Quando **ouviu uma voz murmurando seu nome e girou rapidamente... mas não havia ninguém**.

E então, **pela primeira vez**, o medo o tocou.

Uma fagulha. Pequena. Desprezível. **Mas real**.

Ele queria que alguém dissesse que tudo ficaria bem.

Mas **ninguém diria isso**.

Porque **não ficaria**.

— CAPÍTULO XI —

Solução Final Parte I

O silêncio na sala de planejamentos era pesado. Apenas o som dos dedos de Alastor tamborilando na mesa de metal preenchia o ambiente. Mas não era um movimento ritmado. Não era um movimento dele.

O dedo mínimo da mão direita batia sozinho. Pequenos espasmos involuntários. **Inaceitáveis.**

Ele cerrou os punhos, forçando a mão a obedecê-lo. **O corpo não devia falhar. A mente não devia duvidar.**

O mapa holográfico à sua frente brilhava, detalhando cada estação rebelde conhecida. Suas localizações. Seus padrões de movimentação. Cada um deles estava marcado para morrer.

Ele estudou os pontos luminosos com desdém. Eram como insetos rastejando por um mundo que não lhes pertencia. Pequenos. Frágeis. Impuros.

Uma raça inferior de homens sem visão, sem ordem, sem valor.

A Nova Ordem era inevitável. Ele não apenas via isso — **ele era isso.**

Seus olhos se perderam no azul pulsante das linhas, nas figuras translúcidas que representavam os inimigos. Pequenos bonecos insignificantes. Mortais. **Assim como ele agora era.**

O pensamento fez seu peito apertar.

Não. Não.

Ele não era frágil. Ele não era mortal. Ele era Alastor.

Ele era o arquiteto de um novo mundo. Um mundo onde a fraqueza não teria lugar.

O Comando esperava ordens. E ele daria.

— Fase um: eliminação das redes de comunicação. Ninguém fala. Ninguém pede ajuda.

— Fase dois: bloqueio de rotas de fuga. Eles não correm.

— Fase três: fogo. Nenhum sobrevivente.

Os generais assentiram. Mas hesitaram.

— Senhor... — um deles tentou falar.

Hesitação era fraqueza.

Alastor não piscou.

— **Mate-os todos.**

A hesitação morreu ali.

A primeira estação caiu sem aviso.

Os rebeldes estavam escondidos nos túneis subterrâneos, como ratos se esgueirando nas sombras da cidade que não lhes pertencia. Eles não ouviram os tiros chegando.

Quando ouviram, já era tarde.

O drone de reconhecimento explodiu nos túneis, cortando a energia e mergulhando tudo na escuridão. O caos começou antes mesmo do primeiro disparo.

Os soldados da Nova Ordem entraram como sombras vivas, movendo-se em silêncio absoluto. Um homem percebeu a presença deles tarde demais. Uma baioneta rasgou sua garganta antes que ele pudesse gritar.

Outros acordaram com o cheiro de sangue no ar.

Gritos. Correria.

Uma mulher puxou um detonador improvisado — e foi alvejada antes que seu dedo chegasse ao botão. Seu corpo caiu sobre os explosivos que não teve tempo de ativar.

Um garoto, não mais do que quinze anos, segurava um rifle com mãos trêmulas. Ele disparou às cegas, errando todos os tiros. Sua cabeça explodiu segundos depois, atingida por um disparo certo.

Eles não estavam apenas matando. Eles estavam limpando.

A raça dos fracos não sobreviveria.

Segunda estação.

Os rebeldes tentaram resistir. Eram mais organizados. Melhor armados. Mas não era suficiente.

Quando os dirigíveis militares surgiram sobre o céu da cidade, cuspidos fogo e destruição, o moral se rompeu.

As bombas caíram primeiro.

O chão tremeu.

Paredes desmoronaram, soterrando vivos e mortos.

Os que tentaram fugir pelos becos foram caçados como ratos.

Uma mulher ferida se arrastou até um rádio danificado. Ela murmurou algo... tentou rezar.

Um soldado se ajoelhou ao lado dela. O capacete refletia seu rosto sujo de sangue e poeira. Ele não disse nada.

Apenas enfiou a faca na base do seu crânio.

Seu corpo ficou rígido por um instante... depois relaxou, sem vida.

Nenhuma piedade. Nenhuma compaixão. Só ordem.

Terceira estação.

Essa foi diferente.

Porque **eles não resistiram.**

Quando as tropas de Alastor chegaram, encontraram pessoas ajoelhadas, de mãos para o alto.

Mulheres. Homens. Crianças.

Crianças.

Alguém, em algum lugar, sugeriu que talvez devêssemos parar.

Que talvez já tivéssemos vencido.

Alastor olhou para seu soldado.

Seu rosto não demonstrou nada.

Mas por dentro... algo tremia.

Não.

Não por dúvida.

Por medo.

Um medo que não pertencia a um rei. A um Deus.

Ele não podia sentir aquilo. **Não ele.**

Então esmagou o medo como esmagaria qualquer traidor.

Ele engoliu seco.

Então ordenou a execução.

Ninguém discutiu.

Os disparos começaram.

Horas depois, ele voltou para sua fortaleza. Mas **não dormiu.**

Ele apenas sentou na escuridão.

Pensando.

Evitando pensar.

Os sons estavam estranhos.

Ele ouvia algo... alguém.

Um murmúrio.

Seu nome.

Seus olhos se arregalaram.

— Quem está aí?

O silêncio foi sua resposta.

Mas ele sentia.

Havia algo ali.

E pela primeira vez em sua vida... **ele não queria estar sozinho.**

— CAPÍTULO XII —

Tic Tic: Para Assistir a Televisão

O estúdio era um espetáculo de cores vibrantes, cortinas vermelhas exuberantes e holofotes que piscavam como estrelas controladas. As bordas da tela tremulavam em preto e branco, mas a imagem que chegava aos lares era impecavelmente colorida, saturada com uma vivacidade artificial. O público na plateia — homens de ternos bem passados, mulheres com vestidos volumosos e penteados impecáveis — ria e aplaudia no ritmo exato que lhes era ordenado. Cada expressão era cuidadosamente ensaiada, cada olhar dirigido para o anfitrião com um entusiasmo fabricado.

No centro de tudo, sob as luzes brilhantes que escondiam as sombras de sua decadência, **estava ele.**

Alastor.

Majestoso, impávido, com aquele sorriso que havia se tornado um símbolo de força e grandeza. Seus olhos percorriam a plateia e, por um instante, **o medo foi silenciado.** Ali, ele ainda era o imperador.

O apresentador, um homem de terno bege e gravata borboleta, ajustou os óculos de aro grosso antes de se inclinar para frente com um sorriso encantadoramente exagerado. A audiência prendeu a respiração.

— **Senhor! Senhor! Senhor!** — ele gesticulava teatralmente, balançando a cabeça em uma performance que misturava admiração e reverência ensaiadas. — Os rumores, ah, os rumores... As ruas falam, os inimigos sussurram, as mentiras se espalham como ervas daninhas! Mas nós sabemos que não passam de mentiras, não sabemos?

Um coro de risadas tomou a plateia. A câmera se aproximou, focando em Alastor, esperando **a resposta cuidadosamente planejada.**

Ele ergueu a mão com um gesto calculado, os dedos rígidos, mas controlados.

— **Mentiras, é claro.** — Sua voz cortou o estúdio com precisão. — **Os fracos sempre tentam destruir aquilo que não podem alcançar. Os invejosos sempre tentam rebaixar os grandes à sua pequenez.**

A plateia explodiu em aplausos.

Perfeito.

O apresentador inclinou-se para frente, fingindo uma preocupação exagerada.

— Mas, senhor... e sua saúde? Há aqueles que ousam dizer que o senhor...

Ele hesitou, apenas o suficiente para que Alastor pudesse assumir o controle da narrativa. O ditador deu uma risada curta e afiada.

— **Minha saúde?** — Ele fez uma pausa calculada, observando cada expressão ao seu redor, cada olhar fixo nele, esperando por uma prova, por uma garantia. — **Minha saúde está melhor do que nunca.**

Os holofotes tornavam difícil ver além da primeira fileira. Talvez fosse melhor assim. **Seus olhos não precisavam encontrar rostos, apenas sombras.**

A plateia riu. O apresentador sorriu, aliviado. Ele sabia que qualquer hesitação errada **poderia custar-lhe a vida.**

— **Mas claro, claro!** O apresentador riu nervosamente, inclinando-se para trás e gesticulando para as câmeras. — Senhores e senhoras, vejam este homem! Forte! Poderoso! Majestoso como sempre! Como poderiam sequer pensar que alguém como ele poderia enfraquecer?

A câmera cortou para a plateia, onde um grupo de mulheres bem-vestidas ria e abanava-se com leques de seda. Homens de bigodes bem-aparados assentiam vigorosamente, cada um vestindo o mesmo sorriso de aprovação ensaiado.

Os inimigos veriam aquilo.

E acreditariam.

Ou, pelo menos, ele esperava que acreditassem.

A mão direita de Alastor estava pousada sobre a mesa brilhante do estúdio. Seu polegar moveu-se ligeiramente, mas **não houve resposta dos músculos.**

Ele tentou novamente.

Nada.

Seu corpo estava o traindo.

Sob a mesa, a outra mão fechou-se em punho, as unhas cravando-se na palma. **Controle.** Ele só precisava de **controle.**

O apresentador prosseguiu, levando o espetáculo ao seu clímax planejado. Perguntas sobre os novos avanços da nação, sobre a força inabalável da ordem, sobre a destruição iminente dos rebeldes. Ele respondeu a cada uma com um tom firme, com a confiança de um líder absoluto.

Mas dentro dele, a tempestade rugia.

O suor acumulava-se em sua nuca, escorria sob a gola bem-ajustada de seu uniforme. Cada movimento exigia um esforço milimétrico, um comando preciso, um desafio àquilo que crescia dentro dele, **aquela maldita praga, aquele erro, aquela falha.**

Ele **não era um erro.**

Ele **não poderia ser um erro.**

O programa seguiu até seu desfecho triunfante. Aplausos. Um brinde. O hino da nova ordem ecoando no estúdio, enquanto a câmera aproximava-se de seu rosto, mostrando sua figura imponente.

Na tela, ele ainda era um Deus.

Nos bastidores, ele era um homem começando a desmoronar.

O apresentador, empolgado com o sucesso do espetáculo, inclinou-se para frente, os olhos brilhando por trás dos óculos de aro grosso.

— Senhor! Senhor! — Ele gesticulou dramaticamente, incentivando a plateia a silenciar com um movimento das mãos. — Sua visão para o futuro... todos queremos saber! O que vem depois? O que o grande líder planeja para os próximos anos?

A pergunta reverberou no estúdio, e por um instante, o silêncio reinou.

Alastor piscou lentamente. Sua mente, que outrora se movia como uma máquina perfeita, agora lutava contra o próprio corpo. Seu peito subia e descia num ritmo irregular, mas seu rosto permanecia inabalável. Ele inspirou fundo, o ar queimando seus pulmões.

— O futuro... — Ele respirou fundo, sua voz saindo como se fosse uma grande mentira que ele estava tentando vender a si mesmo. — O futuro pertence àqueles que não têm medo de tomá-lo.

Sua voz foi fria, mas dentro dele a dor estava crescendo. Ele estava perdendo a batalha, e ninguém, nem ele, podia negar mais.

De repente, algo aconteceu. Não houve luzes que falhassem, nem sinais dramáticos. Apenas um silêncio cortante que tomou conta do estúdio. Um peso físico no ar, como se o próprio espaço estivesse se comprimindo, tornando difícil até mesmo respirar. O apresentador deu um passo para trás, olhando ao redor, perplexo.

— Senhor...?

Mas Alastor não estava mais ouvindo. Ele estava vendo tudo em câmera lenta. Cada aplauso, cada sorriso, cada movimento de seus dedos parecia estar se distorcendo. Como se o mundo ao seu redor tivesse desacelerado e ele estivesse preso no centro de um

pesadelo que não conseguia controlar. Seu peito doía, como se estivesse sendo esmagado por algo invisível. Seus dedos estavam gelados. Sua mente estava se fragmentando, quebrando, como se a única coisa que restasse fosse o peso da sua própria queda.

Ele tentou se mover, mas o corpo não respondia. Um suor frio cobriu sua pele, e seu rosto, que sempre exibia confiança, agora parecia vazio, sem vida.

A plateia continuava a olhar, os rostos em branco, as câmeras ainda filmando. Mas Alastor já não era o imperador de antes. Ele era só um homem, e os gritos dentro de sua cabeça estavam crescendo cada vez mais altos, até que ele não pôde mais aguentar.

A explosão de raiva foi instantânea.

Uma onda de poder, pura e selvagem, varreu o palco. Em um movimento brutal, ele liberou sua fúria. A energia que ele detinha, há tanto tempo controlada, foi liberada como uma explosão que desintegrou tudo ao seu redor. O apresentador mal teve tempo de gritar antes de ser consumido pela força de sua raiva. O corpo do homem se desfez em pedaços, o som de sua carne se desintegrando ecoando pela sala.

A plateia entrou em pânico. As câmeras tremiam, ainda registrando tudo. A gritaria, os gritos de horror, não faziam sentido para ele. Ele não conseguia mais distinguir entre o que era real e o que estava dentro de sua mente. O controle estava perdido.

Alastor ficou parado, ofegante. Tremendo. Mas ele não sentia mais nada. Não havia mais medo. Não havia mais dúvida.

Só o vazio. E a pura força de sua queda.

O silêncio após o tumulto era ensurdecedor. A sala, uma vez cheia de risos e aplausos, agora parecia uma tumba. As câmeras ainda tremiam, registrando o vazio de um palco onde a morte acabara de se manifestar. O que restava da plateia estava congelado em pânico, incapaz de processar a cena de destruição. Mas Alastor, o tirano, estava em pé no meio dos escombros, os olhos opacos, fixos no vazio à sua frente.

Foi então que ele apareceu.

Era uma sombra que parecia mais uma alucinação do que uma figura real. Uma silhueta masculina emergiu dos destroços, seus passos silenciosos como um fantasma. Suas feições eram borradas, indistintas, como se a própria realidade estivesse lutando para manter sua forma. Ele se aproximou de Alastor, com uma presença que distorcia a própria atmosfera. Algo sobre ele não estava certo.

Com uma voz profunda e reverberante, que parecia ecoar dentro da mente de Alastor, ele falou.

— Você não é mais quem pensa que é, Alastor. Sua decadência é visível. Seu corpo é seu inimigo. Sua mente, a sua prisão.

Aquelas palavras foram como lâminas afiadas, cortando através da névoa de confusão que se acumulava dentro de Alastor. Ele tentou reagir, mas sua mente estava vacilando, sua visão se distorcendo. A presença do homem parecia se expandir, tomando forma, dominando a cena como uma maré avassaladora.

— Você não pode esconder sua fraqueza para sempre — a voz sussurrou, como um veneno infiltrando cada camada de sua consciência. — Todos veem. Todos sabem. E, em breve, todos vão cobrar.

Alastor tentou falar, mas suas palavras não saíam. Ele não conseguia controlar o que estava acontecendo. O homem à sua frente riu, um riso que cortava a alma, e então, como um fantasma se dissolvendo na névoa, ele desapareceu. Não houve som, não houve sinal. Ele simplesmente sumiu.

A plateia, que estava paralisada, começou a se mover novamente, como se o tempo tivesse se estancado e agora, finalmente, estivesse fluindo de novo. Mas o impacto da visão de Alastor ainda pairava sobre eles. Ele respirou fundo, tentava manter o controle, mas a

sensação de estar perdendo algo — de que ele estava sendo consumido pela própria mente — não o deixava.

Então, com um rugido baixo e controlado, Alastor se virou para a plateia.

— Todos aqueles que se atreverem a mencionar minha saúde, a questionar minha força, ou sequer desviarem o olhar com desconfiança, serão julgados. A punição será a morte. E aqueles que ousarem falar, olhar ou agir de forma que eu considere suspeita, serão arrancados deste mundo sem piedade.

O estúdio, uma vez mais, ficou em silêncio absoluto. Não um único som. Todos os olhos estavam fixos nele. Todos estavam aterrorizados.

Ele olhou ao redor, os dedos rígidos sobre a mesa, as palavras saindo como se fossem lâminas afiadas.

— E sobre o centurião — ele continuou, sua voz carregando um peso sombrio —, eu mesmo o encontrarei. E ele morrerá pela minha mão.

Alastor olhou para cada rosto na plateia, cada olhar agora coberto pelo medo. O peso de sua sentença estava nas palavras que acabara de proferir. O medo estava instalado, e ele sabia que a verdadeira batalha havia apenas começado.

Aos poucos, as câmeras começaram a voltar a se mover, como se o programa devesse continuar. Mas Alastor sabia que sua própria batalha, uma guerra interna que começava a engolir a sua alma, era agora a única verdade que restava.

A queda de um império era, afinal, mais do que uma guerra externa. Era a guerra contra si mesmo.

— CAPÍTULO XIII —

O Cordeiro Até o Lobo

Os meses passaram, e Sinport mergulhou ainda mais no terror absoluto. Alastor Galewind, mesmo sob o peso de sua própria decadência, manteve-se firme, recusando-se a ceder ao que quer que estivesse corroendo sua mente e seu corpo. Seu rosto, antes uma máscara de mármore inquebrantável, agora revelava fissuras visíveis. Rugas profundas marcaram sua testa, sombras se formaram sob seus olhos, e um leve tremor percorria seus dedos mesmo quando tentava se manter imóvel. Mas sua mente, por mais deteriorada que estivesse, permanecia afiada o suficiente para arquitetar sua vingança.

A cidade estava em chamas. O ar fedia a carne queimada e sangue seco. Ruínas de prédios desmoronavam enquanto gritos ecoavam pelas ruas. Entre os escombros, uma mãe segurava o corpo sem vida de sua filha, os olhos arregalados em choque, incapaz de aceitar que aquilo era real.

Alastor Galewind flutuava acima dela, observando a cena com desdém. Seus olhos brilhavam em vermelho incandescente.

— Vocês se agarram tanto à vida... Mas nunca fazem nada útil com ela.

Ele estendeu a mão e, num instante, a mulher explodiu em uma nuvem de cinzas. Não restou nada. Nenhum corpo, nenhuma lembrança. Apenas o silêncio.

Ao longe, um homem tentava correr com seu filho pequeno nos braços. Alastor observou por um momento e depois disparou em sua direção com uma velocidade impossível. Antes que o pai pudesse reagir, um raio de calor o atingiu no meio das costas. Seu tronco foi arrancado em dois, e o menino rolou pelo chão coberto de poeira e sangue, gritando desesperado.

— Ah, essas crianças. Sempre chorando.

Alastor pousou diante dele e esmagou sua cabeça com um único pisão, como se estivesse apagando um cigarro.

Então o céu se rasgou.

Uma luz dourada desceu dos céus, cortando a escuridão e iluminando as ruínas. A terra tremeu quando uma silhueta caiu dos céus como um meteoro, deixando uma cratera no asfalto destruído.

O Centurião Dourado surgiu do meio da poeira e dos destroços. Sua armadura brilhava, mas estava coberta de cicatrizes de batalhas passadas. Ele se ergueu lentamente, os olhos fixos no tirano à sua frente.

Alastor riu.

— Finalmente apareceu. Estava começando a achar que tinha fugido com o rabo entre as pernas.

Marcus apertou os punhos.

— Você cruzou o limite. Isso não é guerra. É carnificina.

— Ah, e vai me dar uma lição de moral agora? — Alastor ergueu os braços, apontando para os corpos espalhados pelo chão. — Acha que alguma dessas pessoas se importava com você? Com liberdade? Elas só rastejam, obedecem... e morrem.

Marcus não respondeu. Não havia mais nada a dizer. Ele disparou para frente com uma velocidade absurda, acertando Alastor com um soco tão forte que o chão tremeu. O vilão voou contra um prédio, atravessando concreto e aço como papel.

Mas no segundo seguinte, Alastor já estava de pé.

— Tsc... Você nunca aprende.

Ele avançou como um borrão, golpeando Marcus no peito e lançando-o contra um ônibus destruído. O metal se retorceu ao redor do corpo do Centurião. Marcus tossiu sangue, mas não parou. Ele se libertou dos destroços e voou em direção ao inimigo novamente. O choque dos golpes rachava o chão, fazia os edifícios desmoronarem. Cada impacto fazia o ar vibrar, como trovões rasgando os céus. A cidade, que já estava morrendo, era reduzida a cinzas.

Marcus conseguiu acertar um direto no rosto de Alastor, quebrando seu maxilar. Mas o tirano apenas sorriu, cuspidando sangue antes de agarrar o Centurião pelo pescoço e jogá-lo contra o chão com força suficiente para abrir uma cratera.

— Sabe o que eu gosto nos heróis? O jeito que eles quebram tão fácil.

Marcus tentou se levantar, mas suas pernas fraquejaram. Sangue escorria de sua boca em grossos filetes, tingindo o dourado reluzente de sua armadura. Seu peito arfava, tentando desesperadamente puxar o ar que não chegava. Seu corpo tremia.

Alastor o observava de cima, os olhos brilhando com diversão cruel. Seu rosto estava coberto de sangue—algun dele próprio, mas a maior parte era de inocentes.

— Olhe só para você — disse ele, cuspidando um pedaço de dente quebrado. — O grande Centurião... o último guardião da liberdade... E agora? Quem vai salvar você?

Marcus tentou responder, mas só conseguiu cuspir mais sangue.

Alastor não esperou. Em um piscar de olhos, ele avançou e agarrou Marcus pelo pescoço, erguendo-o como se não pesasse nada. O herói lutou, socando os braços de Alastor, mas seus golpes não tinham mais força. O vilão apenas sorriu.

— Fraco. Sempre foi fraco.

O primeiro golpe veio como um trovão. Um soco no estômago, tão forte que rachou a armadura e fez Marcus arquear o corpo em agonia. Ele sentiu algo dentro dele se rasgar—fígado, baço, talvez os pulmões. Ele tentou gritar, mas o ar lhe faltava.

O segundo soco veio no rosto. Seu nariz quebrou instantaneamente. Os dentes voaram de sua boca como cacos de vidro. O mundo girou. Seu crânio rachou.

O terceiro veio no peito, direto contra seu coração. A armadura cedeu de vez, amassando-se como papel. Marcus sentiu suas costelas se estilhaçarem, afundando na carne. Um de seus pulmões colapsou, e ele sufocou com o próprio sangue.

Alastor não parou.

Ele jogou o Centurião contra o chão e pisou em sua perna, quebrando-a com um estalo seco. Marcus tentou gritar, mas sua garganta era puro sangue.

— Ainda respirando? — Alastor zombou.

Ele agarrou o braço do herói e puxou. A carne se rasgou. Os tendões estalaram. O osso se expôs. Então veio o som horrendo da articulação se separando.

O Centurião urrou, mas sua voz foi abafada pelo próprio sangue jorrando de sua boca. Seu braço agora pendia inutilmente ao lado do corpo.

Alastor lambeu os lábios, apreciando a dor de sua presa.

— Sabe o que eu mais odeio em heróis? — murmurou, inclinando-se para perto do rosto ensanguentado de Marcus. — Vocês sempre acham que vão vencer.

Então ele enfiou a mão no peito do Centurião.

Os dedos do tirano atravessaram carne, ossos e pulmões como lâminas. O herói arregalou os olhos, seu corpo inteiro se arqueando em choque. Ele tentou puxar o ar, mas tudo que veio foi um ruído gorgolejante.

Alastor sentiu o coração ainda pulsando dentro do peito de Marcus. Ele sorriu.

E arrancou.

O órgão saiu com um puxão violento, rasgando veias e artérias que cuspiram sangue quente. Marcus estremeceu, seus olhos vidrando, o corpo convulsionando enquanto seu próprio coração pulsava inutilmente na mão do inimigo.

Alastor observou a cena com satisfação.

— Morra sabendo que ninguém vai se lembrar de você.

Ele esmagou o coração na palma da mão, deixando o sangue escorrer por entre os dedos.

O corpo do Centurião Dourado caiu no chão, sem vida.

E o mundo pertenceu a Alastor.

Alastor Galewind ergueu os braços, sentindo a brisa fria que acompanhava a destruição que deixara para trás. O coração do Centurião Dourado, ainda quente em sua mão, parecia pulsar com uma energia que ele sentia como um triunfo pessoal. Mas não era o suficiente. A morte daquele herói era apenas o começo de algo maior. Algo que ele precisava mostrar, precisava fazer o mundo ver.

Com um grito selvagem, Alastor se concentrou, seus olhos brilhando com uma luz intensa e maléfica. Em um instante, ele levantou voo, rasgando o céu com uma velocidade impressionante. A cidade abaixo parecia diminuir a cada segundo, até desaparecer sob uma cortina de nuvens e fumaça.

Alastor chegou ao topo do imponente *Edifício Galewind*, sua torre de poder e despotismo, uma construção monumental que dominava a paisagem de Sinport. Ele aterrissou no terraço, seu corpo ainda brilhando com a energia do combate recente, e caminhou até a imensa sala de conferências, onde sua figura se ergueria, indiscutível.

A sala estava vazia, exceto por seus assistentes e jornalistas que ele tinha sob seu controle. Eles haviam sido avisados de que algo grandioso estava prestes a acontecer, algo que faria todos se lembrarem do nome *Galewind* para sempre.

— Preparem-se — ordenou ele, sua voz fria e autoritária, com um toque de prazer disfarçado.

Ele esticou os dedos, e imediatamente, uma tela gigante se ergueu em uma das paredes, iluminando o ambiente com uma luz amarga. Seu olhar fixou-se na tela, e ele fez um gesto para que alguém o trouxesse. Era a prova de sua vitória.

O assistente rapidamente apareceu, trazendo uma caixa de vidro, onde repousava, cercado por uma aura de morte, o coração do Centurião Dourado. Alastor o pegou com uma delicadeza perturbadora e, com uma reverência sombria, colocou o coração sobre a mesa. Ele não tinha mais medo, não havia mais nenhum herói que pudesse desafiar sua força. Ele estava pronto para mostrar ao mundo o que realmente significava viver sob sua sombra.

Alastor olhou para os jornalistas, que estavam agora em um silêncio expectante. Ele sorriu, satisfeito com a tensão no ar. Estava prestes a revelar o segredo que poderia mudar o destino de Sinport para sempre.

— Hoje — ele começou, sua voz ecoando por toda a sala, — o herói do povo, o Centurião Dourado, morreu. E o que o mundo não sabe é que ele não era mais do que uma ilusão, uma mentira com armadura. Eu fui o seu fim. Não me vejam apenas como um vilão. Vejam-me como a realidade. Eu trouxe a verdade para essa cidade. E agora, ninguém mais poderá duvidar de quem detém o verdadeiro poder aqui.

Ele ergueu o coração, exibindo-o à câmera. O pulsar que ainda restava na carne agora parecia um símbolo de sua própria supremacia.

— Aqui está o coração do homem que o povo chamava de herói. E agora, em um único golpe, ele se foi. Mostrando a todos o que significa estar diante de um deus.

Ele observou os jornalistas, vendo as reações que esperava: o choque, a repulsa, a incredulidade. Mas ele sabia que, em breve, todos os olhos estariam sobre ele. O que ele havia feito não era apenas uma morte, era uma declaração. Uma revolução.

— A cidade de Sinport será o primeiro passo — disse ele com um sorriso que não chegou aos seus olhos. — E então, o mundo inteiro verá o que é ser governado por mim.

Alastor olhou para a tela, sentindo-se como o único homem de pé no palco, imortalizado pelo espetáculo que acabara de criar. O povo veria a verdade que ele queria que vissem. Não mais heróis. Apenas ele.

E com um sorriso maléfico, ele se afastou da mesa, sua presença ameaçadora se espalhando pelo ar. O futuro de Sinport estava em suas mãos, e ele mal podia esperar para ver o que viria a seguir.